

Resolução Política

do

5.º Congresso do POM

18/19 de janeiro de 2003

Conjuntura

O sistema capitalista passa por uma crise mundial. Na sua totalidade, os países estão imersos em uma profunda crise. Os países oprimidos estouram, rastejam, adotam planos e mais planos e mesmo assim sobrevivem em meio ao aumento da barbárie. A crise atinge inclusive os grandes centros imperialista, que recorrem ao aumento das taxas de exploração sobre os países oprimidos, com guerra comercial, formação de blocos econômicos com vistas ao domínio e conquista e ampliação de novos mercados. Lançam mão, sem relutar, do armamentismo e das guerras no intuito de dominar novos mercados, regiões e o mundo, (matérias primas (petróleo, além de todo tipo de minerais, biodiversidade, água e fontes de energia). A crise em que atravessamos não é resultado de maus ou bons governos e sim uma crise de superprodução inerente ao regime capitalista, que o conduzirá ao aprofundamento da barbárie. O regime capitalista está agonizando há décadas, porém respira, e, para respirar necessita rebaixar cada vez mais o nível de vida das massas em geral, rebaixando salários com o conseqüente alto custo de vida, com substituição dos trabalhadores que ganham mais por trabalhadores de menor salário, com empregos terceirizados e sem registro, trabalho temporário, tirando os direitos trabalhistas etc., desemprego em massa, diminuição do estado no que se refere aos direitos dos trabalhadores (saúde pública, transporte, escola pública, aposentadoria, etc). Com a crise de superprodução, o mercado fica estreito para desovar a sede de lucro dos capitalistas e as mercadorias produzidas pelo maquinário cada vez mais moderno e robotizado, preparado para produzir em quantidades infinitas e no menor tempo possível. A contradição da produção coletiva e o usufruto individual desta, a sede de lucro e a necessidade de vender cada vez mais, contraditam com os salários rebaixados, desempregos e poder de compra dos oprimidos do mundo.

A crise atinge a todos, inclusive os países imperialistas, como: EUA, Inglaterra, Alemanha, França, Japão, Itália, Espanha. Os grandes capitalistas (imperialistas) estão em uma constante guerra comercial representada pelos esforços de constituição dos blocos econômicos no sentido de ampliar os mercados, de desovar mercadoria, demolir, quebrar, fechar as fábricas e os meios de produção concorrente. Neste sentido as constituições do NAFTA, UE, e agora a ALCA, além de vários outros blocos de menor monta, como forma de imitação dos grandes blocos imperialistas. Ocorre que a política dos blocos econômicos está estreita, precisa-se mais e mais. Ao lado da crise de superprodução e como conseqüência desta, se desenvolvem somas infundáveis de capitais parasitário e especulativo (capital financeiro), como retaguarda dos imperialistas, agravando a crise e minando as finanças públicas dos países oprimidos, causando os estrondos como os ocorridos na Argentina, Venezuela, Bolívia, Peru, e que também nos ameaça.

O armamentismo aparece como a saída acima dos blocos, em acordo às vezes, em atritos e disputas em outras.

Devido aos acordos advindos das últimas duas grandes guerras mundiais, os EUA se potenciaram econômica e militarmente. Impõem aos concorrentes sanções e condições de desenvolvimento armamentista. Há casos de proibição de dedicar recursos em pesquisas e em política armamentista, como é o caso do Japão em que na luta do mundo capitalista versus o que se chamava de mundo socialista (União Soviética), no período da guerra fria. Os países capitalistas liderados pelos EUA, promoveram programas e mais programas de ajuda financeira e tecnológica às indústrias, visando afastar e conter a expansão soviética. Mas a ajuda se deu unicamente no campo econômico com a dependência armamentista ao império americano. Mesmo no acordo com a Alemanha e Itália, se introduziu mecanismos de limitação bélica.

Hoje os EUA além da política de formação dos blocos econômicos como o NAFTA e agora a ALCA como forma de conquistar mercados para se safar da crise e desovar mercadoria, necessita e recorre ao poderio bélico com duas estratégias: Visando a conquista de matérias-primas, Petróleo, riquezas naturais, fonte de energia, domínio de mercado e do mundo. Instala bases militares em todas regiões estratégicas do planeta. A destruição da Iugoslávia, Kosovo, Israel x Palestina, Sadan-Iraque, Venezuela-Chaves, Colômbia, . Por outro lado, com os investimentos na política armamentista tenta aquecer a sua economia com o aquecimento industrial em torno do armamentismo, para assim tirar o país da ameaça contínua de recessão.

Da parte da UE, em crise, e com menos poderio militar, se coloca a Inglaterra sendo uma nação Irmã dos EUA. A decadência francesa, italiana, resta a Alemanha espernear de forma desvantajosa. Na ex- União

Soviética grande parte dos estados independentes já aderiram a OTAN. Resta a Rússia com sua política de ajoelhar-se, espernear em vão. Na Ásia, o Japão sem poderio militar e abraçado com os EUA. Resta a China com sua política de capitalismo de estado potencializar sua economia e seu bloco asiático e fazer frente ao império armamentista americano, caso rompa com os acordos de cavalheiros. Já vislumbra um conflito estratégico também nesta região. Os EUA não descansarão enquanto não montarem base militar e dominar e neutralizar totalmente a Coreia do Norte.

Diante desta conjuntura internacional, os EUA avançam no sentido da dominação militar, causando sinais de contradições e de interesses entre as nações imperialistas. No geral a fome, miséria, fascismo e as guerras imperialistas é o que vislumbra no futuro próximo no mundo capitalista.

Imperialismo Americano recorre a guerra como conquista de novos mercados, matérias primas, nações, projeto político e como plano econômico para aliviar a crise

O terrorismo e as drogas como justificativa para a guerra.

O terrorismo foi muito utilizado pelos EUA e seus aliados no século XX contra os trabalhadores de todo o mundo. Trata-se do que podemos chamar terrorismo de Estado. Para isso os EUA montaram a CIA, que financiou e armou vários grupos terroristas no mundo todo. E não só isso. Apoiou regimes terroristas como os de Pinochet no Chile, as ditaduras no Brasil e na Argentina e outras pelo mundo afora.

Sempre souberam que Sadam Hussein era um sanguinário, assassino e ditador da pior espécie. Sempre souberam que não havia democracia e liberdade no Iraque. Sempre souberam que o povo iraquiano é quem sofre com a ditadura de Sadam Hussein. Mas enquanto este era favorável aos EUA, pois travava uma guerra contra o Ira inimigo dos EUA, nunca foi sequer citado como sanguinário ou terrorista.

O mesmo ocorreu com o Bin Laden. Não era o Bin Laden o responsável pelo atentado de 11 de setembro? Ele não era o motivo da guerra contra o Afeganistão? Pois bem. O que a guerra contra o Afeganistão provou? Que se tratava de uma desculpa para os EUA poder instalar um regime político dócil aos seus interesses, base militar naquele país e que assegurasse os negócios do petróleo e gás por onde irão passar importantes oleodutos e gasodutos. Não se tratou de instalar um governo democrático lá.

Quais as razões da Guerra?

Diante da crise capitalista mundial e devido a crise de superprodução. Os interesses do Imperialismo americano torna as razões dessa guerra muito claras, apesar de toda a cortina de fumaça lançada pelos EUA. O que interessa é o controle político e militar da Região, segurança para o fornecimento de petróleo e gás do Oriente Médio e gerar grandes oportunidades de negócios para as empresas petrolíferas americanas e inglesas e de forma transcendental potencializar a indústria da guerra dos EUA e Inglaterra. Os EUA analisam que os investimentos na indústria armamentista ajudarão a aquecer a economia americana tirando assim o país da ameaça constante de recessão. Favorecendo essas indústrias, o governo sonha em iniciar um novo ciclo de crescimento na economia americana como o que foi inaugurado pela outra guerra contra o Iraque no início da década de 90.

Derrubar Sadam Hussein faz parte de uma ampla ação para gerar novos negócios para a indústria americana, de estabilizar o Oriente Médio através de governos favoráveis aos interesses econômicos dos EUA.

Vejamos a situação americana e a relação com a guerra:

- O presidente americano, George W. Bush limitou em 3,1% o reajuste dos salários dos 2,7 milhões de funcionários civis do governo federal a partir de janeiro e suspendeu os aumentos diferenciados que eles recebem, de acordo com a cidade ou região em que trabalham. A atualização salarial autorizada é um ponto porcentual menor do que o aumento de 4,1% a ser concedido aos 1,3 milhões de soldados do país. Bush invocou uma cláusula da lei de 1990 que rege os salários da burocracia federal para justificar a decisão. Ele alegou que os EUA vivem "uma emergência nacional desde 11 de setembro de 2001", o dia dos ataques contra Nova York e Washington. Uma atualização salarial maior do funcionalismo civil "interferiria com a capacidade do país de levar adiante a guerra contra o terrorismo", afirmou o presidente..

Uma guerra contra o Iraque poderá custar até US\$ 200 bilhões aos contribuintes americanos. O montante aproximado do déficit federal americano projetado para este ano é o equivalente a um terço do PIB do Brasil.

De acordo com a Federação Americana de Empregados do Governo (AFGE), o maior sindicato de funcionários públicos americanos, a concessão ao pessoal civil do mesmo reajuste dado aos militares representaria um custo adicional de US\$ 1 bilhão no orçamento federal.

Graças a exploração da mais valia do proletariado do mundo inteiro e da exploração através do capital financeiro sobre os países oprimidos. A limitação do reajuste não deixará o funcionalismo federal americano à míngua. O aumento de 3,1% é maior do que a inflação de 2,1% projetada para 2002 e mais do que o dobro de 1,4% - reajuste que será dado aos aposentados pelo sistema de previdência social. Os cerca de 325 mil funcionários federais que trabalham na área metropolitana de Washington receberam no ano passado um salário médio anual de US\$ 68.700, ou US\$ 5.700 por mês.

Ainda assim, a decisão de Bush foi mal recebida. O presidente da AFGE, Bobby L. Harnage, classificou-a de "pobre". Deputados das áreas onde há forte concentração de funcionários lamentaram a medida.

Além de ilustrar o impacto dos ataques terroristas de 11 de setembro sobre as prioridades do governo dos EUA, a restrição imposta ao reajuste do funcionalismo federal interromperá a execução de um plano que o Congresso americano adotou em 1990 para manter os salários da burocracia competitivos com os do setor privado e, desta forma, preservar a qualidade dos serviços prestados pelo governo.

Embora o salário médio dos funcionários federais seja maior do que o salário médio dos americanos (US\$ 5.500 por mês e US\$ 3.100 por mês, respectivamente, no ano passado), sua remuneração está entre 20% e 25% abaixo da de profissionais do setor privado com qualificação equiparável. Contados os 860 mil funcionários do correio, que têm lugar próprio no organograma oficial, o governo federal dos EUA emprega 4,9 milhões de pessoas, ou o equivalente a 3,5% da mão-de-obra ativa do país.

O CUSTO DA GUERRA

No mês que se seguiu à invasão iraquiana do Kuwait, em agosto de 1990, o governo de George H. Bush lançou o que ficou conhecido como "Operação Passar o Chapéu" - uma frenética iniciativa diplomática destinada a convencer os aliados dos EUA a ajudar a pagar pela guerra contra o Iraque. Por isso, a conta da Guerra do Golfo para o contribuinte americano foi de cerca de US\$ 7 bilhões, apenas uma fração do custo total.

Embora seja difícil prever quanto os americanos pagariam por uma nova guerra, um fato parece inquestionável: seria muitas vezes mais do que isso, no mínimo porque os outros países relutam muito mais em dividir a conta.

Estimativas informais de equipes do Congresso e institutos de estudos de Washington estimam entre US\$ 100 bilhões e US\$ 200 bilhões o custo de uma invasão e ocupação do Iraque. Para a maioria dos economistas, se os combates se prolongassem e Saddam Hussein destruísse seus campos de petróleo, os custos indiretos seriam bem maiores, refletindo na economia dos EUA por vários anos.

A Guerra do Golfo, de 1991, levou a uma breve disparada dos preços do petróleo e a uma queda na confiança do consumidor, ajudando a levar os EUA à recessão, o que custou a reeleição ao pai do atual presidente. Apesar de muito estar em jogo política e economicamente, desta vez não há "Operação Passar o Chapéu", e o atual governo tem se recusado a debater publicamente os prováveis custos de uma nova guerra.

Usando metodologias diferentes, o apartidário Escritório Orçamentário do Congresso e os funcionários da minoria democrata na Comissão de Orçamento da Câmara concluíram que uma guerra breve e decisiva, envolvendo 250 mil soldados americanos, custaria entre US\$ 44 bilhões e US\$ 60 bilhões. Uma guerra prolongada custaria a partir de US\$ 100 bilhões.

Em 1991, os contribuintes americanos pagaram cerca de 12% dos custos militares, com o restante dos encargos dividido entre países como Arábia Saudita, Kuwait, Alemanha e Japão. Dessa vez, não se espera que nenhum deles contribua significativamente. O custo mais incerto da guerra, concordam os economistas, é o impacto mais amplo na economia dos EUA. William Nordhaus, economista da Universidade de Yale, calcula que os custos indiretos do conflito de 1991 foram de cerca

de US\$ 500 bilhões, muitas vezes maior que o preço militar oficial. Dependendo do desfecho de um futuro confronto, o impacto macroeconômico poderia variar, segundo ele, entre zero e US\$ 1 trilhão.

Quem lucra com a guerra?

Indústria bélica americana terá encomendas em volume superior a US\$ 1 trilhão.

A guerra contra o terrorismo chegou na hora certa para os fabricantes de equipamento militar norte-americanos, prontos para arrancar verbas bilionárias do governo. Antes dos atentados contra o World Trade Center e o Pentágono no dia 11 de setembro, o secretário de Defesa, Donald Rumsfeld, planejava cancelar a maioria dos contratos acertados na época do presidente Bill Clinton. Estavam sob ameaça o super-caça F-22 Raptor, da Lockheed-Martin, e o programa Joint Strike Fighter (JSF), elaborado para equipar a Força Aérea, os Fuzileiros Navais e a Marinha dos Estados Unidos com um só avião de combate.

O momento é de lucros astronômicos para a indústria bélica, como aconteceu na Segunda Guerra Mundial e nas guerras civis africanas. Cada F-22 custará US\$ 235 milhões e o plano prevê a compra de 650 deles ao longo de dez anos para substituir os F-15E Eagle. O JSF será um pau para toda obra e tomará o lugar de quatro caças projetados na década de 70: os modelos F-16C Viper, F-14 Tomcat, F/A-18C Hornet e AV-8 Plus Harrier. É um contrato para construir 3.000 aviões ao preço unitário de US\$ 85 milhões. A Boeing-Northrop e a Lockheed-Martin participam da concorrência com os X-32 e X-35. Ambos, com poucas modificações, podem pousar em porta-aviões, decolar e aterrissar verticalmente.

São aviões espetaculares, com o dobro do raio de ação dos seus antecessores, invisíveis ao radar e donos de altíssima capacidade de manobra. Se estivessem em operação, atingiriam o Afeganistão a partir das bases sauditas sem reabastecimento em vôo, algo impossível para as armas existentes no arsenal norte-americano.

George W. Bush, antes de se eleger presidente, defendia uma ampliação dos gastos militares em mais de US\$ 90 bilhões. Além disso, queria investir US\$ 1 trilhão por dez anos no projeto National Missile Defense (NMD), um escudo contra mísseis nucleares.

CORTES NO ORÇAMENTO versus ARSENAL MILITAR

O discurso mudou depois da posse e, até os atentados, se limitava à continuação do NMD. Para cortar os impostos e reduzir o orçamento americano em US\$ 1,6 trilhão, Bush pediu mais US\$ 45 bilhões para despesas militares, metade do solicitado pela Junta dos Chefes de Estado Maior.

Nos últimos oito anos a administração democrata cortou drasticamente os orçamentos militares. Como resultado, as Forças Armadas norte-americanas estão equipadas com material herdado do tempo da Guerra Fria.

O primeiro alerta veio na Guerra de Kosovo. Para evitar os sistemas iugoslavos de armas, os aviões da Força Aérea dos Estados Unidos tiveram de atacar a grande altitude, perdendo precisão e eficiência. Mesmo assim, um dos caças invisíveis F-117 foi abatido. Em outubro do ano passado quatro caças russos Sukhoy 27 e Sukhoy 24, baseados na Sibéria, conseguiram aproximar-se sem serem descobertos de uma força-tarefa americano-japonesa, capitaneada pelo porta-aviões USS Kittyhawk. Numa situação real o porta-aviões iria a pique.

Essa tecnologia está disponível a qualquer país. Os russos vendem seus melhores aviões a quem quiser comprar. Quando George Bush, pai do atual presidente, chefiava o governo dos Estados Unidos, seu orçamento militar anual era de US\$ 400 bilhões. Hoje, está em US\$ 305 bilhões. Apenas para colocar o caça F-22 Raptor em produção ainda faltam US\$ 60 bilhões. O programa JSF necessita de US\$ 23 bilhões em pesquisa e desenvolvimento e US\$ 200 bilhões para entrar em produção.

Durante a guerra contra a Iugoslávia, os norte-americanos utilizaram um grande número de aeronaves-robôs. Além de mísseis de cruzeiro, que nada mais são que aviões-suicidas subsônicos sem pilotos, empregou os chamados UAVs — aparelhos de vigilância para o campo de batalha. Ao contrário dos mísseis de cruzeiro, que seguem um curso preestabelecido, na maioria dos UAVs um piloto maneja o aparelho remotamente.

A Lockheed Martin e a Boeing trabalham em vários modelos avançados, incluindo um pequeno robô que poderia ser lançado de tubos de torpedo de submarinos. O custo varia entre US\$ 15 milhões e US\$ 25 milhões. Para os fabricantes de armas eles têm mais uma vantagem: são descartáveis.

Na Guerra de Kosovo os estoques de mísseis de cruzeiro, estimados em três mil unidades lançadas de

mar e de ar, foram praticamente esgotados em 72 dias. Para recolocá-los, o Pentágono gastou US\$ 3 bilhões. Estima-se que a operação no Afeganistão possa ter exigido uns 9 mil disparos. Uma nova geração desses engenhos, invisível ao radar, está em desenvolvimento. Cada unidade custará US\$ 5 milhões.

Os problemas e oportunidades de bons negócios não se limitam à Força Aérea. A Marinha está reduzindo sua frota de submarinos de 90 para 65 unidades. E quer construir uma nova classe nuclear invisível ao custo de US\$ 65 bilhões. Outro projeto megalomaniaco, e especialmente adequado para as condições do Afeganistão, é o navio-arsenal, um barco de 25 mil toneladas, capaz de carregar 900 mísseis de todos os modelos. Eles servirão como núcleos de forças-tarefas, mas serão praticamente desprovidos de sistemas eletrônicos de comando, controle, combate e informações. Os barcos de escolta conectados em rede dispararão os mísseis e reservam suas armas para autodefesa. Para se ter uma idéia do volume de armas carregadas em uma dessas superembarcações, apenas três delas executariam a tarefa feita na Iugoslávia por 20 navios, cinco submarinos nucleares e aviões bombardeiros B-1, B-2 e B-52. Dois estaleiros norte-americanos concorrem a esse contrato bilionário: Ingalls e Bath Iron Works. (PPR)

A IMPORTÂNCIA ECONÔMICA E POLÍTICA DA GUERRA PARA O CAPITALISMO

A política armamentista e as guerras capitalistas fazem parte da política de extensão da guerra comercial que vivemos entre os vários países e blocos imperialistas, com vistas a conquista de novos mercados, domínio, controle político e militar do mundo, de restabelecer o poder de um setor sobre o outro ou de uma classe sobre a outra e de criar campo para mais negócios.

Do ponto de vista econômico, o que mais interessa na guerra, para os capitalistas, são as oportunidades de negócios geradas antes, durante e depois da guerra. O maior exemplo disso foi a Segunda guerra mundial, que consolidou os EUA como a grande potência mundial.

A guerra do Golfo com a qual foi iniciado um novo ciclo expansionista, motivado por fatores econômicos, políticos e sociais que a vitória dos EUA na guerra refletiu dentro daquele país.

Em termos políticos, trata-se do recado que os EUA querem passar ao mundo inteiro, de que ninguém pode desafiar-lo, pois se apresenta como o guardião do sistema capitalista em crise.

Os EUA vem querendo impor uma nova ordem mundial, no sentido de garantir segurança aos negócios capitalistas em todo mundo. No entanto o que tem conseguido foi aumentar a miséria e aguçar lutas contra ele.

Mais do que nunca a etapa atual da luta de classe tem sido marcado por guerras. O que temos visto é um mundo em permanente ebulição, com as classes sociais se enfrentando no mundo inteiro.

E, com o agravamento da crise capitalista, expresso na falência do modelo neo liberal em todo o mundo, no agravamento da crise de superprodução, da lugar ao surgimento do movimentos sociais ante globalização nos EUA e Europa. O imperialismo na ofensiva contra os direitos sociais e aumentando as taxas de exploração enfrenta cada vez mais movimentos e protestos de cunho variados no mundo inteiro. Com o intuito de se safarem da crise econômica, do desemprego que assola inclusive os países imperialistas, da violência, dos movimentos de resistência, inclusive a oposição fundamentalista do mundo Muçumano, da resistência armada de cunho religioso inclusive com métodos de terror, das guerrilhas como no caso da Colômbia e etc.

Os atentados de 11 de setembro, ao contrário de atingirem o coração dos EUA apesar de motivarem as massas de todo o mundo a se contraporem contra este malefício, foram uma oportunidade para o imperialismo partir com tudo para cima do movimento, desatando uma violenta contra-ofensiva econômica, política e militar de alcance mundial. A vitória sobre o Afeganistão deu um certo fôlego aos EUA, fazendo recuar momentaneamente o movimento anti americano naquele país.

Além da guerra contra o Afeganistão e da ameaça cada vez maior ao Iraque, os EUA sustentam financeiramente e defendem a ofensiva do estado de Israel contra a Intifada palestina. Israel, que foi criado artificialmente como instrumento estratégico militar e geográfico de controle e expansão capitalista americana é responsável pela expulsão de milhões de palestinos de suas terras, além de manter os que ainda resistem cercados e sob ameaça constante das suas forças armadas.

Nesse sentido, a ameaça de guerra cada vez mais iminente ao Iraque vem se somar ao fortalecimento do estado de Israel com objetivo de firmar o controle político na região, Por isso, a intervenção mais direta dos EUA.

Na América Latina os EUA estão promovendo junto com o governo da Colômbia ações militares contra o povo colombiano no sentido de retomar o controle sobre 1/3 do território que foi arrancado do domínio do governo e se encontra nas mãos das FARC's e outras organizações revolucionárias. Assim como no Iraque é utilizado a falácia da luta contra o terror para justificar a invasão armada, na Colômbia é utilizada a questão do terror e das drogas. Neste último caso é bom lembrar que o comércio das drogas na Colômbia é feito pelos paramilitares com a organização apoiada pelos EUA as Auto defesa Unidas da Colômbia (AUC). Se existe realmente algo relacionado as drogas é a disputa pelo controle e comercialização desta alta fonte de lucro fácil, que faz parte da política capitalista e imperialista.

Já na Venezuela os EUA estão fazendo de tudo para tirar o governo de Hugo Chaves do poder. O simples contato com o regime de Fidel (Cuba) é suficiente para a declaração de guerra. Vale dizer também que a Venezuela é uma importante produtora de Petróleo.

Também é parte dessa ofensiva imperialista a pressão cada vez maior para a implementação da ALCA com o que pretendem não só conquistar novos mercados para os grupos norte-americanos, como também estabelecer um maior controle sobre a América Latina, com a perda do mínimo de soberania ainda existente e a construção de novas bases militares (por exemplo a de Alcântara).

CONTRA A GUERRA

Apesar dos meios de comunicação, ha uma enorme oposição a guerra e crescem as mobilizações contra a ofensiva militar.

Apesar de Sadam Hussein, ser, ditador opressor e assassino dos trabalhadores iraquianos e curdos, por isto defendemos a necessidade de ser derrubado pelas massas iraquianas. Somos contra a guerra de rapina dos EUA contra o Iraque.

Essa guerra não tem como objetivo melhorar as condições das massas iraquianas nem de estabelecer mesmo a democracia burguesa naquele pais. Bush e companhia estão interessados no petróleo e nos negócios que a guerra poderão gerar para suas empresas.

Chamamos a todos os trabalhadores a lutarem contra essa guerra, a derrotar os EUA, pois assim, impediremos que siga sua escalada assassina pelo mundo e que se consolide como guardião do capitalismo. Temos que derrotá-lo, pois se trata de uma postura arrogante e de submeter os trabalhadores do mundo inteiro pelo fascismo utilizando do medo de suas bombas e tecnologia. Sua derrota nessa guerra fortalece nossa luta contra o capitalismo .

È tarefa de primeira necessidade, termos clareza da política imperialista e suas guerras. Pois para os imperialistas o que interessam são os saques, anexações, introduzir colônias, controlar mercados. Tudo isto as custas do sangue dos trabalhadores que morreram e morrerão na guerra. Devemos ser contra a guerra imperialista contra o Iraque assim como devemos lutar para acabar com as guerras e para isto só acabando com o capitalismo. A socialização dos meios de produção è o melhor instrumento de acabar com as guerras e as crises.

A luta contra a guerra só tem sentido se lutarmos pela revolução proletária, ou seja, pela expropriação dos expropriadores (burguesia mundial), dos que lucram, saqueiam e sobrevivem da guerra. Defender a paz simplesmente como fazem os movimentos pacifistas ou humanistas sem lutar pelo fim do capitalismo e a socialização dos meios de produção se torna utopia.

FORA O IMPERIALISMO DO IRAQUE!

NÃO A GUERRA IMPERIALISTA!

FORA ISRAEL DA PALESTINA !

FORA OS EUA DA AMÉRICA LATINA!

NÃO À ALCA NEM MERCOSUL. POR UMA COOPERAÇÃO LIVRE E SOCIALISTA ENTRE OS POVOS DA AMÉRICA LATINA!

Pela implantação da Ditadura do Proletariado (governo Operário e Camponês)

PELO SOCIALISMO MUNDIAL rumo ao Comunismo (uma sociedade sem explorados nem exploradores, sem classes sociais, leis e repressão, sem polícia e sem cadeia ou exércitos, sem fronteiras, com a economia planificada em favor da humanidade e não mais em favor do lucro e de assassinos imperialistas).

A necessidade do Partido Revolucionário. A luta de classes é dinâmica e dialética

O paciente está enfermo: definhando, agonizando, ao respirar introduz mais violência, guerra, morte, desemprego, fome e miséria. Não morre, e ainda confunde muita gente, como se estivesse na juventude de sua forma. Por quê?

A estrutura, base material desta sociedade caduca produziu e ainda produz uma superestrutura que alimenta os velhos de desânimo e da impossibilidade de mudança, corrompem os operários e os lutadores, os embebedam com a passividade religiosa e os conceitos da democracia burguesa, desorientam os jovens, corrompendo-os com consumismo, drogas, necessidades, fome e violência. Esta estrutura criou à sua imagem e semelhança uma superestrutura com todos os tipos de instrumentos: os parlamentos, as leis, as igrejas, os ensinamentos nas escolas oficiais, os meios de comunicações nas mãos da classe dominante, centenas de partidos burgueses que dão sustentáculo à permanência no poder desta classe de capitalistas e burgueses com seu regime de exploração. Os explorados, o operariado em geral, ainda não foram capazes de construir uma ferramenta em escala nacional e internacional, uma superestrutura capaz de concorrer com as idéias burguesas, desmascará-las, orientando as massas oprimidas, velhos, moços e jovens no sentido da necessidade e dos métodos de por abaixo o sistema de exploração capitalista e sua propriedade privada dos meios de produção. Esta superestrutura capaz de produzir idéias de classe, que vá de encontro ao conjunto dos oprimidos, é a construção do Partido Revolucionário Internacionalista e Marxista, que por causa deste fenômeno, os trabalhadores desenvolvem a luta instintiva e defensiva sem, no entanto, colocar na ordem do dia a necessidade de por fim ao sistema pelo processo revolucionário.

Governo LULA e pacto social

O Governo Lula, com toda aliança de classes antagônicas, apesar de tantas promessas de desenvolvimento econômico, geração de empregos, distribuição de renda, etc., não conseguirá cumprir, pois está na contramão da crise de superprodução capitalista, o que torna estreito o espaço para uma política de conciliação de classes. Que não está dado um período de prosperidade. Que o poder de fato é das elites burguesas com o governo Lula PT a seu serviço.

Trata-se de um governo de Frente Popular (devido as incorporações como extensão do estado das Centrais Sindicais e dos maiores e mais importantes Sindicatos do Brasil, devido o papel que joga em relação ao movimento dos Trabalhadores sem terra MST e ainda centenas de Movimentos de bairros, de gêneros etc.). Temos um governo de frente popular que defende abertamente os interesses capitalistas e imperialistas. A submissão ao FMI é a maior comprovação disso. A equipe de ministros escolhidos também expressa o compromisso do programa do PT de parceria com os empresários e banqueiros.

Duas são as possibilidades colocadas diante deste governo:

- 1) Que passado a chamada fase de Lua de mel, com a entrada de sena dos protestos e Movimentos sociais, este governo vir a fechar os ouvidos aos reclamos do povo, assumindo diretamente a repressão e a linha tradicional burguesa. Então os Movimentos e suas lideranças apanharão com Lula;
- 2) Outra é a possibilidade deste governo querer ouvir os reclamos do povo e do Movimento organizado. Ai se desfechará as medidas históricas e clássicas das derrotas e derramamento de sangue próprios da política de frente popular. Então os Movimentos e suas lideranças apanharão sem Lula.

Nosso dever é de alertar toda a vanguarda para estas duas possibilidades concretas. O Movimento Operário e Popular deve discutir, se unificar e ir se preparando para o que nos espera.

Com relação a guerra dos EUA contra o Iraque, a Direção do PT já se posicionou em favor do primeiro, desde que: tenha o aval da ONU e venha credito para a campanha contra a fome.

No período de transição o poder de compra dos assalariados e oprimidos fora defasado além dos níveis já insuportáveis que estavam. A situação do desemprego e carestia de vida se agravará ainda mais. Um governo de crise, para enfrentar a crise de superprodução mundial refletida no país oprimido seguindo as receitas do imperialismo, de mais saques salariais, mais desempregos, de corte de direitos sociais e trabalhistas, privatizando o que resta.

A campanha contra a fome cumpre papel ideológico mais que social uma vez que a fome irá aumentar com o agravamento da crise. A figura de “bom samaritano” comparece perante as massas como instrumento de bondade do governo e alimenta também a cooptação e aprofunda a degeneração dos oprimidos. Apesar da grande ilusão criada entre os oprimidos e até do empresariado da possibilidade de recuperação da economia. Esta ilusão se voltará contra os próprios causadores desta (governo eleito).

Tendo em vista o avolumar da crise, as necessidades que o imperialismo imporá como forma de fazer cumprir os acordos do PT firmados entre PT e os organismos internacionais, o pacto social se apresenta como única forma teórica e pratica de fazer calar os oprimidos para que a sede de lucros altos e os interesses do capital financeiro sejam realmente cumpridos e ampliados.

Lula deve iniciar já o pacto social, dizem os empresários

Lula não deve perder tempo e deve dar imediatamente a partida para o pacto social. "Se o governo não começar a discussão do pacto, há o risco da volta da inflação", alertam isto e aquilo os empresários, para forçar imediatamente o pacto. Todos os setores da sociedade terão de sentar-se à mesa de negociação disposta ao sacrifício. Os empresários deverão contribuir com o adiamento de investimentos e o não-reajuste de preços. (Na passagem do cruzeiro para o real, em 1994, os preços ganharam dos salários em média, em 100%; durante os 8 anos do governo FHC, com a inflação oficialmente controlada, preços à vontade e salários congelados, o poder aquisitivo dos trabalhadores foi violentamente atacado; na transição, os preços que estavam em alta, triplicaram. O poder aquisitivo dos trabalhadores praticamente não existe mais. De fato, a formalização do pacto social se torna urgente, uma vez que o chamado pacto contra os aumentos dos salários, retirada dos direitos sociais e quebra dos serviços públicos esteve presente na última década.

Dizem que o exemplo muito bom è o Pacto de Moncloa na Espanha.

O que significa este pacto? .

O amordaçamento dos trabalhadores deverá ser uma meta dos capitalistas e seus governos. No presente momento é reflexo dos acordos e das pressões dos organismos financeiros internacionais do imperialismo para que o país implemente as reformas de corte de direitos e benefícios sociais que ainda presta precariamente o estado e a legislação vigente.

O pacto social responde a esta necessidade.

- A reforma da previdência, retirando o pouco que restou nos direitos à aposentadoria dos trabalhadores e criando a previdência particular para assim sanear o déficit criado pelos rombos governamentais, do desemprego, trabalho informal e desfalques através da corrupção.
- Na reforma tributária necessitará este governo de aumentar a arrecadação de impostos e não diminuir como prometeu em campanha. O aumento dos impostos está condicionado a manutenção dos privilégios dos cargos de confiança e seus altos salários, mais secretarias e muita negociata de cargos públicos e pagamento pontual dos juros e serviço da dívida externa e interna de um lado e de outro a diminuição dos gastos sociais na saúde pública, na educação pública, habitação e etc.
- A CLT será totalmente reformulada em favor dos empresários, tentarão através do pacto com a burocracia sindical transformá-la totalmente no interesse dos empresários, flexibilizando, ou seja: a negociação acima da lei. O trabalho registrado será secundário, a indenizações por demissões retiradas, férias e décimo terceiro corre sério risco.

Devemos nos unir contra o pacto de fome e miséria. Nenhuma trégua para nos matar e nos saquear. Nenhuma trégua para burguesia tirar nossas aposentadorias. Nenhuma trégua para a burguesia acabar com o pouco de direitos que ainda temos na legislação trabalhista como: fundo de garantia, férias, 13.º e emprego com registro.

Cabe aos ativistas, aos trabalhadores e revolucionários se qualificarem perante os oprimidos no sentido da organização da luta direta, constituição de uma oposição revolucionária, e que os trabalhadores retomem o controle das organizações de classe e ou constituam novas formas de organização que forem necessárias.

Pela redução da Jornada de trabalho com reposição de todas as perdas salariais;

Queremos emprego e salários para todo;

Salário mínimo que atenda todas as necessidades básicas para a sobrevivência digna de uma família (nos países imperialistas o salário mínimo vária em torno de 1200 dólares);

Em defesa das ocupações de terras no campo e na cidade, como única forma de conquistar e de destruir os latifúndios colocando a terra a serviço dos que necessitam trabalhar, plantar e morar;

Que a reforma agrária cantada em verso e em prosa só será possível sua realização com a tomada do poder pelos operários e camponeses, pelo rompimento armado com o imperialismo;

Ruptura imediata com o FMI;

Não pagamento da dívida externa e interna;

Por um Governo Operário e Camponês, saído da insurreição e não do voto;

Pelo Socialismo e Ditadura do Proletariado.

O que é o Socialismo?

A várias denominação de Socialismo.

Marx já na sua infância deparou e desmascarou várias destas formulas, as quais classificou como utópicas. Uns defendia que o próprio capitalismo com sua evolução, centralização e monopólios iria chegar naturalmente ao socialismo e com uma economia planejada. Outros afirmavam que o homem por si só iria se evoluir e se libertar e assim socializar os meios de produção por iniciativa própria. Outros ainda concebem como socialismo um capitalismo com investimento no social etc. etc. etc..

O Marxismo fundamenta o Socialismo do ponto de vista do materialismo histórico e dialético de forma científica, como ciência social. Que a história das Sociedades não demonstrou outra coisa se não que é a história das lutas de classes e que a violência é a parteira do processo histórico.

Por Socialismo o Marxismo concebe a Socialização dos meios de produção (base material da Sociedade e a planificação da economia). Que esta socialização da base material irá transformar a relação de produção e esta a cultura, a arte, a religião, as leis, a educação, as formas de poder e de relação entre os homens.

Abaixo anexamos em homenagem e parte de nossa resolução o texto de Rosa Luxemburgo sobre socialismo.

O SOCIALISMO

A socialização da sociedade

A revolução do proletariado, que acaba de começar, não pode ter nenhum outro fim nem nenhum outro resultado a não ser a realização do socialismo. Antes de mais nada, a classe operária precisa tentar obter todo o poder político estatal. Mas para nós, socialistas, o poder político é apenas um meio. O fim para o qual precisamos utilizar o poder é a transformação radical da situação econômica como um todo.

Hoje, todas as riquezas – as maiores e melhores terras, as minas e empresas, assim como as fábricas – pertencem a alguns poucos latifundiários e capitalistas privados. A grande massa dos trabalhadores, por um árduo trabalho, recebe apenas desses latifundiários e capitalistas um parco salário para viver. O enriquecimento de um pequeno número de ociosos é o objetivo da economia atual.

Esta situação deve ser eliminada. Todas as riquezas sociais, o solo com todos os tesouros que abriga no interior e na superfície, todas as fábricas e empresas enquanto propriedades comuns do povo, precisam ser tiradas das mãos dos exploradores. O primeiro dever de um verdadeiro governo operário consiste em proclamar, através de uma série de decisões soberanas, os meios de produção mais importantes como propriedade nacional e em pô-los sob o controle da sociedade.

Só então começa propriamente a mais difícil tarefa: a construção da economia em bases totalmente novas.

Hoje, em cada empresa, a produção é dirigida pelo próprio capitalista isolado. O que e como deve ser produzido, quando e como as mercadorias fabricadas devem ser vendidas é o empresário quem determina. Os trabalhadores jamais cuidam disso, eles são apenas máquinas vivas que têm de executar seu trabalho.

Na economia socialista tudo isso precisa ser diferente. O empresário privado desaparece. A produção não tem mais como objetivo enriquecer o indivíduo, mas fornecer à coletividade meios de satisfazer todas as necessidades. Conseqüentemente, as fábricas, empresas, explorações agrícolas precisam adaptar-se segundo pontos de vista totalmente novos.

Primeiro: se a produção deve ter por objetivo assegurar a todos uma vida digna, fornecer a todos alimentação abundante, vestuário e outros meios culturais de existência, então a produtividade do trabalho precisa ser muito maior que hoje. Os campos precisam fornecer colheitas maiores, nas fábricas precisa ser utilizada a mais alta técnica; quanto às minas de carvão e minério, apenas as mais rentáveis precisam ser exploradas etc. Segue-se daí que a socialização se estenderá, antes de mais nada, às grandes empresas industriais e agrícolas. Não precisamos nem queremos tirar a pequena propriedade ao pequeno agricultor e ao pequeno trabalhador que,

com seu próprio trabalho, vive penosamente com seu pedacinho de terra ou da sua oficina. Com o tempo, todos eles virão até nós voluntariamente e compreenderão as vantagens do socialismo sobre a propriedade privada.

Segundo: para que na sociedade todos possam usufruir do bem-estar, todos precisam trabalhar. Apenas quem executa trabalho útil párea a coletividade, quer trabalho manual, quer intelectual, pode exigir da sociedade meios para a satisfação de suas necessidades. Uma vida ociosa, como hoje levam na maioria das vezes os ricos exploradores, acaba. A obrigação de trabalhar para todos os que são capazes, exceto naturalmente as crianças pequenas, os velhos e os doentes é, na economia socialista, uma coisa evidente. Quanto aos incapazes de trabalhar, a coletividade precisa simplesmente tomar conta deles-não como hoje, com esmolas miseráveis, mas por meio de alimentação abundante, educação pública para as crianças, boa assistência social para os velhos, assistência médica pública para os doentes etc.

Terceiro: a partir do mesmo ponto de vista, isto é, do bem-estar da coletividade, é preciso que os meios de produção, assim como as forças de trabalho sejam inteligentemente administradas e economizadas. O desperdício, que ocorre hoje a cada passo, precisa acabar. Assim, naturalmente, é preciso suprimir as indústrias de guerra e de munição no seu conjunto, pois a sociedade socialista não precisa de armas assassinas. Em vez disso, é preciso que os valiosos materiais e a força de trabalhos aí empregados sejam utilizados para produzir coisas úteis. As indústrias de luxo, que hoje produzem todo tipo de futilidade para os ociosos, assim como as criadagens pessoais, precisam igualmente desaparecer. Toda a força de trabalho posta nisso encontrará ocupação mais útil e mais digna.

Se desta maneira criarmos um povo de trabalhadores, em que todos trabalhem para todos, para o bem-estar e o benefício coletivos, então, quarto: o próprio trabalho precisa adquirir uma configuração inteiramente diferente. Hoje em dia, o trabalho, tanto na indústria, quanto na agricultura ou no escritório é, na maioria das vezes, uma tortura e um fardo para o proletário. As pessoas vão para o trabalho porque é preciso, caso contrário não conseguirão meios de subsistência. Na sociedade socialista, onde todos trabalham em conjunto para o seu próprio bem-estar, é preciso ter a maior consideração pela saúde e pelo prazer de trabalhar. Tempo de trabalho reduzido, que não ultrapasse a capacidade normal, locais de trabalho saudáveis, todos os meios para o descanso e o revezamento no trabalho precisam ser introduzidos, para que cada um faça a sua parte com o maior prazer.

Porém, para todas estas grandes reformas é necessário o material humano correspondente. Hoje, atrás do trabalhador, está o capitalista com seu chicote em pessoa, ou através de seu contra-mestre ou capataz. A fome arrasta o proletário para trabalhar na fábrica, na grande propriedade ou no escritório. O empresário cuida então para que o tempo não seja desperdiçado, para que o material não seja estragado, para que seja fornecido trabalho bom e competente.

Na economia socialista é suprimido o empresário com seu chicote. Aqui os trabalhadores são homens livres e iguais, que trabalham para seu próprio bem-estar e benefício. Isso significa trabalhar zelosamente por conta própria, por si mesmo, não desperdiçar a riqueza social, fornecer o trabalho mais honesto e pontual. Cada empresa socialista precisa, naturalmente, de um dirigente técnico que entenda exatamente do assunto, que estabeleça o que é mais necessário para que tudo funcione, para que seja atingida a divisão do trabalho mais correta e o mais alto rendimento. Ora, isso significa seguir essas ordens de boa vontade, na íntegra, manter a disciplina e a ordem, sem provocar atritos nem confusões.

Numa palavra: o trabalhador da economia socialista precisa mostrar que também pode trabalhar zelosa e ordeiramente sem o chicote da fome, sem o capitalista e seus contra-mestres atrás das coisas, que pode manter a disciplina e fazer o melhor. Para isso é preciso auto-disciplina interior, maturidade intelectual, seriedade moral, senso de dignidade e de responsabilidade, todo um renascimento interior do proletário.

Com homens preguiçosos, levianos, egoístas, irrefletidos e indiferentes não se pode realizar o socialismo. A sociedade socialista precisa de homens que estejam, cada um em seu lugar, cheio de paixão e entusiasmo pelo bem-estar coletivo, totalmente disposto ao sacrifício e cheios de compaixão pelo próximo, cheios de coragem e tenacidade para ousarem o mais difícil.

Porém, não precisamos esperar quase um século ou uma década até que tal espécie de homens se desenvolva. Precisamente agora, na luta, na revolução, as massas proletárias aprendem o idealismo necessário e adquirem rapidamente maturidade intelectual. Também precisamos de coragem e perseverança, clareza interna e disposição ao sacrifício para continuar a revolução até a vitória. Recrutando bons combatentes para a atual revolução, criamos futuros trabalhadores socialistas, necessários como fundamento de uma nova ordem.

A juventude trabalhadora, sobretudo, é chamada para esta grande tarefa. Como geração futura, ela formará com toda certeza o verdadeiro fundamento da economia socialista. Ela tem que mostrar já, como portadora do futuro da humanidade, que está à altura dessa grande tarefa. Há todo um velho mundo ainda por destruir e todo um novo mundo a construir. Mas nós conseguiremos. Como diz o poema:

Não nos falta nada, minha mulher, meu filho, a não ser tudo que cresce através de nós, para sermos livres como os pássaros: nada, a não ser tempo.

(Artigo acima publicado no jornal Die junge Garde (Berlim), 04/12/1918)
Rosa Luxemburgo

Conforme os ensinamentos do Marxismo, Socialismo no termo científico equivale a fase da Ditadura do Proletariado ou seja: a fase em que se dá a expropriação dos meios de produção privados, colocando-os nas mãos de toda a Sociedade. É a fase de transformações culturais, valores e de consciência coletiva. A fase de exercitar o planejamento científico das reais necessidades dos trabalhadores em geral e de colocar os meios de produção de forma que corresponda a estes.

O Marxismo define o Socialismo como uma fase transitória do capitalismo para o comunismo (fase da Ditadura do proletariado).

O que é Ditadura do proletariado?

È exatamente a fase da implantação do socialismo. É um instrumento necessário nesta transição do capitalismo para o comunismo. O poder passando para as mãos das massas oprimidas. O Leninismo definiu estas formas de poder como o poder soviético.

Já na Comuna de Paris as Assembléias tipo Comunas transformaram o poder executivo, judiciário e legislativo em um só organismo (executivo),. Porém sem a Ditadura do proletariado.

Em 1905 na Rússia as massas insurretas criaram e deram forma ao poder que buscavam, as grandiosas Assembléia operárias e populares (operários, estudantes, desempregados, empregados, donas de casa, pequeno camponês, pequenos comerciantes, autônomos, professores, jovens, velhos, soldados). Esta forma de organização superior criadas pelas massas por ocasiões de agitação Revolucionária deu se o nome de Soviete ou seja: Conselhos. Na revolução Russa esta forma de poder foi de suma importância para a tomada do poder e logo transformou-se em denominação da nova nação que nascia (União Soviética). Com o prolongar da Revolução, os enfrentamentos com o imperialismo e as investidas militares e as guerras contra o poder Soviético. As massas perderam toda aquela eloquência, se cansaram, e os Sovietes se transformaram praticamente em uma forma mais democrática de parlamento (poder representativo).

A Ditadura do proletariado é expressão armada deste poder. Para uma boa compreensão, tomamos por exemplo hoje no capitalismo a polícia, exército, justiça cumprindo as ordem e a serviço da burguesia e em defesa da propriedade privada dos meios de produção. Neste contexto realiza-se uma Assembléia geral qualquer de pelo menos 1000 ou 2000 mil pessoas e se delibera uma serie de atos contra por exemplo os exploradores de uma ocupação de terra, vendedores de barracos etc. Após a Assembléia o povo volta para as suas casas. Como será cumprido e colocado em prática as decisões da referida Assembléia? Iremos recorrer a polícia ou a justiça burguesa para defender a ocupação sem exploradores? A Ditadura do proletariado é o armamento de destacamentos operários (exército proletário) para poder assim tornar possível a expropriação total dos meios de produção das mãos da burguesia. A Ditadura do proletariado é a retaguarda que torna possível o cumprimento das ordem das Assembléias, Soviete ou Conselhos (poder supremo no Socialismo).

A Ditadura do proletariado (Socialismo) ou governo operário e camponês é a transição do capitalismo (expropriação da burguesia e manutenção da propriedade coletiva), Estado operário, com a planificação dos meios de produção e da economia no sentido do atendimento das necessidades dos trabalhadores em geral e não mais do lucro. Para que o Socialismo cumpra com seu princípio transitório e passageiro rumo ao Comunismo. Este terá que ser internacional. Acabar com a burguesia e a propriedade privada dos meios de produção no mundo. É a condição para o desaparecimento, da própria Ditadura do proletariado, do estado e do próprio Socialismo. Com os meios de produção coletivos, a relação de produção transformará a sua imagem e semelhança as relações humanas. O ser humano que ao nascer traz o germe da liberdade, da justiça, do amor crescerá e se desenvolverá dentro deste princípio da nova sociedade, liberta. Não terá mais necessidade de leis, estado, polícia, ordens, cadeia, prisões e muito menos a exploração do seu semelhante. A sociedade Comunista Superior, onde o trabalho assim como no Comunismo primitivo era um prazer (colher frutos, pecar, plantar em

algumas regiões e a repartição a todos sem discriminação) se tornará a lei em si. O Reino da Liberdade é o Comunismo.

A burguesia e o imperialismo se aproveitou e usou da corrente política que nada mais foi que a expressão política da pequena burguesia, o stalinismo. Que traiu, denegriu e ainda denigre o comunismo. Com a falácia de Socialismo em um só país, a convivência pacífica com o imperialismo, a política da revolução por etapas. As perseguições e assassinatos dos principais quadros do Marxismo. A eliminação da Internacional Comunista e a introdução da democracia formal nos Soviéticos.

A burguesia mundial passava a idéia que os traidores do Socialismo política de regressão ao capitalismo compreendia e representavam o Marxismo e o comunismo. Quando era exatamente o contrário, sua negação. Com a volta natural ao capitalismo destes estados operários degenerados a burguesia mundial fez coro em canto e prosa, de que o Marxismo morreu, que o comunismo foi negado e está ultrapassado etc. etc. A juventude e a vanguarda lutadora ficou embaraçada. Muitos ainda hoje por causa do som da burguesia, querem modernizar o Marxismo em nome da dialética etc. Introduzem um tom anarquista e pequeno burguês de simplesmente ser contra, revisar o Marxismo, substituir o partido por grupos culturais, negando na essência o materialismo dialético, negam ainda a necessidade do centralismo. Neste sentido fazem coro com a burguesia mundial de que realmente o que caiu junto com o muro de Berlim foi o Marxismo e não sua negação e traição.. Reforçam o individualismo, rejeitam a Ditadura do proletariado e o próprio estado operário. Quando negam a necessidade do estado e do partido, bem como a centralização e a Ditadura do proletariado, vão para dois caminhos opostos ao Socialismo, introduzem a democracia formal e o anarquismo. Quando negam o Partido Revolucionário o fazem colocando-o em pé de igualdade com os partidos burgueses. Assim como rejeitam a participação Revolucionária no parlamento não distinguindo uma ação revolucionária nos espaços legais com as negociações dos políticos burgueses.

POM e os Sindicatos

Abaixo reproduzimos com atualizações e posições o texto do 3.º Congresso da 3.ª Internacional Comunista sobre o assunto.

Verificamos o conteúdo sobre a luta sindical que foi aprovado em 1921 por ocasião do terceiro Congresso da 3.ª Internacional Comunista.

A INTERNACIONAL COMUNISTA E A INTERNACIONAL SINDICAL VERMELHA

(A Luta Contra a Internacional Amarela de Amsterdã)

A burguesia mantém a classe operária na escravidão não só pela força bruta, mas também por suas mentiras refinadas. A Escola, a igreja, o parlamento, as artes, a literatura, a imprensa cotidiana, são poderosos instrumentos dos quais se serve à burguesia para embrutecer as massas operárias e fazer penetrarem as idéias burguesas entre o proletariado.

Entre essas idéias burguesas que a classe dominante conseguiu insinuar entre as massas trabalhadoras, se encontra a idéia da neutralidade dos Sindicatos, de seu caráter apolítico, estranho a todo partido.

Desde as últimas décadas da história contemporânea e, em particular, desde o fim da guerra imperialista, em toda a Europa e na América, os sindicatos são as organizações mais numerosas do proletariado: em certos países eles envolvem toda a classe operária sem exceção. A burguesia compreende perfeitamente que o destino do regime capitalista depende hoje da atitude desses sindicatos com relação à influência burguesa universal e seus criados social-democratas para manterem custe o que custar, os sindicatos cativos das idéias burguesas.

A burguesia não pode convidar abertamente os sindicatos operários para sustentarem os partidos burgueses. Eis porque ela os convida a não sustentar nenhum partido, inclusive o partido do comunismo revolucionário.

A divisa da "neutralidade" ou do "apoliticismo" dos sindicatos já tem atrás de si um longo passado. Ao longo de uma dezena de anos esta idéia burguesa foi inculcada nos sindicatos da Inglaterra, Alemanha, América

e outros países, tanto pelos líderes dos sindicatos burgueses à la Hirsch-Dunker, quanto pelos dirigentes dos sindicatos clericais e cristãos, como pelos dirigentes dos sindicatos pretensamente livres da Alemanha, como pelos líderes das velhas e pacíficas trade-unions inglesas, e muitos outros partidários do sindicalismo. Leghien, Gompers, Jouhaux, Sidney Webb, durante dezenas de anos, pregaram a neutralidade dos sindicatos.

Na realidade, os sindicatos jamais foram neutros, jamais puderam sê-lo e nunca o serão. A neutralidade dos sindicatos só pode ser nociva à classe operária, mas ela é irrealizável. No dualismo entre o trabalho e o capital, nenhuma grande organização pode ficar neutra. Em consequência, os sindicatos não podem ser neutros entre os partidos burgueses e o Partido do proletariado. Os partidos burgueses percebem isso claramente. Mas assim como a burguesia tem necessidade que as massas acreditem na vida eterna, tem também necessidade que se creia, igualmente, que os sindicatos podem ser apolíticos e podem conservar a neutralidade em relação ao Partido Comunista operário. Para que a burguesia possa continuar a dominar e a pressionar os operários para tirar deles a mais-valia, ela não tem necessidade apenas do padre, do policial, do general, ela precisa também da burocracia sindical, do "líder operário" que prega nos sindicatos operários a neutralidade e a indiferença à luta política.

Mesmo antes da guerra imperialista, a falsidade dessa idéia de neutralidade se tornava cada vez mais evidente para os proletários conscientes da Europa e da América. Na medida em que os antagonismos sociais se exasperam, a mentira se torna mais gritante. Quando começou a carnificina imperialista, os antigos chefes sindicais foram obrigados a tirar a máscara da neutralidade e caminhar ao lado da "sua" burguesia.

Durante a guerra imperialista, todos os social-democratas e sindicalistas, que tinham passado anos a pregar a indiferença política, colocaram esses sindicatos a serviço da mais sangrenta e mais vil política dos partidos burgueses. Eles, ontem campeões da neutralidade, são vistos agora como os agentes declarados de tal partido político, salvo apenas o partido da classe operária.

Depois do fim da guerra imperialista, esses mesmos chefes social-democratas e sindicalistas tentam novamente impor aos sindicatos a máscara da neutralidade e do apoliticismo. Passado o perigo militar, esses agentes da burguesia se adaptam as circunstâncias novas e tentam ainda desviar os operários da via revolucionária, colocando-os numa via mais vantajosa para a burguesia.

O econômico e o político estão sempre indissolúvelmente ligados. Esse laço é particularmente indissolúvel em épocas como a que atravessamos. Não existe uma única questão da vida política que não deva interessar ao partido e ao sindicato operário. Inversamente, não há uma questão econômica importante que possa interessar ao sindicato sem interessar ao partido operário.

Quando, na França, o governo imperialista decreta a mobilização de algumas classes para ocupar a bacia do Ruhr e para oprimir a Alemanha, um sindicato francês realmente proletário pode dizer que essa é uma questão estritamente política, que não deve interessar aos sindicatos? Um sindicato francês verdadeiramente revolucionário pode se declarar "neutro" ou "apolítico" nessa questão?

Ou então, inversamente, quando na Inglaterra, se produz um movimento puramente econômico como a última greve dos mineiros, o Partido Comunista tem o direito de dizer que esta questão não lhe diz respeito e que interessa unicamente aos sindicatos? Quando a luta contra miséria e a pobreza é engrossada por milhões de desempregados, quando se é obrigado a colocar politicamente a questão da requisição dos alojamentos burgueses para aliviar as necessidades do proletariado, quando as massas cada vez mais numerosas de operários são obrigadas, pela própria vida, a colocar na ordem do dia o armamento do proletariado, quando num ou noutro país os operários organizam a ocupação de fábricas e usinas, - dizer que os sindicatos não devem se envolver na luta política, ou devem se manter "neutros" entre todos os partidos é na realidade servir à burguesia.

Apesar de toda a diversidade de suas denominações, os partidos políticos da Europa e da América podem ser divididos em três grandes grupos: 1) partidos da burguesia; 2) partidos da pequena burguesia; 3) partido do proletariado (os comunistas). Os sindicatos que se proclamam "apolíticos" e "neutros" não fazem senão ajudar os partidos da pequena burguesia e da burguesia.

A associação sindical de Amsterdã é uma organização onde se encontram e se dão as mãos as Internacionais dois e dois e meio.

Esta organização é considerada com esperança e solicitude por toda a burguesia mundial. A grande idéia da Internacional Sindical de Amsterdã é no momento, a neutralidade dos sindicatos. Não é por acaso que essa divisa serve à burguesia e seus criados social-democratas ou sindicalistas de direita como meio para tentar reunir novamente as massas operárias do Ocidente e da América. Enquanto a Segunda Internacional, passando

abertamente para o lado da burguesia, praticamente falida, a Internacional de Amsterdã, tentando novamente defender a idéia da neutralidade, tem ainda algum sucesso.

Sob a bandeira da "neutralidade", a Internacional Sindical de Amsterdã assume os encargos mais difíceis e mais sujos da burguesia: estrangular a greve dos mineiros na Inglaterra (como aceitou fazê-lo I.H. Thomas que é ao mesmo tempo o presidente da 2.º Internacional e um dos líderes em maior evidência da Internacional Sindical Amarela de Amsterdã), rebaixar os salários, organizar a pilhagem sistemática dos operários alemães para os pecados de Guilherme e da burguesia imperialista alemã. Leipart e Grassmann, Wissel e Bauer, Robert Schmidt e J.H. Thomas, Alberí Thomas e Jouhaux, Daszynski e Zulavski - repartem seus papéis: uns antigos chefes sindicais participam hoje dos governos burgueses na qualidade de ministros, de comissários governamentais ou de funcionários, enquanto os outros, inteiramente solidários com os primeiros, ficam à Testa da Internacional Sindical de Amsterdã para pregar aos operários a neutralidade política.

A Internacional Sindical de Amsterdã é atualmente o principal apoio do capital mundial. É impossível combater vitoriosamente esta fortaleza do capitalismo sem compreender antes a necessidade de combater a idéia mentirosa do apoliticismo e da neutralidade dos sindicatos. A fim de ter uma arma conveniente para combater a Internacional Amarela de Amsterdã, é preciso, antes de tudo, estabelecer relações claras e precisas entre o partido e os sindicatos em cada país.

O Partido Comunista é a vanguarda do proletariado, a vanguarda que reconheceu perfeitamente as vias e os meios para libertar o proletariado do jugo capitalista e que, por esta razão, aceitou conscientemente o programa comunista.

Os sindicatos são uma organização mais massiva do proletariado, que tendem cada vez mais a abranger sem exceção todos os operários de cada setor da indústria e a fazer entrar para suas fileiras não somente os comunistas conscientes, mas também as categorias intermediárias e mesmo setores atrasados dos trabalhadores que, aos poucos, apreendem pela experiência da vida o comunismo.

O papel dos sindicatos, no período que precede o combate do proletariado para a tomada do poder, no período desse combate e, depois, após a conquista do poder, difere quanto às relações, mas sempre, antes, durante e depois, os sindicatos permanecem como uma organização mais vasta, mais massiva, mais geral que o partido, em relação a esse último eles desempenham, até um certo ponto, o papel da circunferência em relação ao centro.

Antes da conquista do poder, os sindicatos verdadeiramente proletários organizam os operários, principalmente sobre o terreno econômico, para a conquista de melhorias possíveis, para o completo desmoronamento do capitalismo, mas colocam no primeiro plano de sua atividade a organização da luta das massas proletárias contra o capitalismo, tendo em vista a revolução proletária.

Durante a revolução proletária, os sindicatos verdadeiramente revolucionários, de mãos dadas com o partido, organizam as massas para tomar de assalto as fortalezas do capital e se encarregam do primeiro trabalho de organização da produção socialista.

Após a conquista e a afirmação do poder proletário, a ação dos sindicatos se transporta, sobretudo para o domínio da organização econômica e eles consagram quase todas as suas forças à construção do edifício econômico sobre bases socialistas, tornando possível assim uma verdadeira escola prática do comunismo.

Durante esses três estágios da luta do proletariado, os sindicatos devem sustentar sua vanguarda, o Partido Comunista, que dirige a luta proletária em todas as suas etapas. Para isso, os comunistas e os elementos simpatizantes devem constituir no interior dos sindicatos grupos comunistas inteiramente subordinados ao Partido Comunista em seu conjunto.

A tática que consiste em formar grupos comunistas em cada sindicato, formuladas pelo 2º Congresso Universal da Internacional Comunista, foi executada inteiramente durante o ano passado e deu resultados consideráveis na Alemanha, na Inglaterra, na França, na Itália e em vários outros países. Se, por exemplo, grupos importantes de operários, pouco experientes e insuficientemente provados na política, saem dos sindicatos social-democratas livres da Alemanha, porque perderam toda esperança de obter uma vantagem imediata com sua participação nesses sindicatos livres, isso não deve, em nenhuma hipótese, mudar a atitude de princípio da Internacional Comunista em relação à participação comunista no movimento profissional. O dever dos comunistas é explicar a todos os proletários que a saída não é abandonar os velhos sindicatos para criar novos ou se dispersarem numa poeira de homens desorganizados, mas revolucionar os sindicatos, expulsar deles o espírito reformista e a traição dos líderes oportunistas, para fazer deles uma arma ativa do proletariado revolucionário.

Durante o próximo período, a tarefa capital de todos os comunistas é trabalhar com energia, perseverança, obstinação, para conquistar a maioria dos sindicatos; os comunistas não devem em nenhum caso

se deixar desencorajar pelas tendências reacionárias que se manifestam nesse momento no movimento sindical, mas se aplicar na participação mais ativa em todos os combates, na conquista dos sindicatos para o comunismo, apesar de todos os obstáculos e todas as oposições.

A melhor medida da força de um Partido Comunista é a influência real que ela exerce sobre as massas operárias dos sindicatos. O partido deve saber exercer a influência mais decisiva sobre os sindicatos sem submetê-los à menor tutela. O partido tem núcleos comunistas em tais ou quais sindicatos, mas o sindicato enquanto tal não está submetido ao partido. Apenas por um trabalho contínuo, firme e devotado dos núcleos comunistas no seio dos sindicatos é que o Partido pode chegar a criar um estado de coisas tal que os sindicatos seguirão voluntariamente, com prazer, os conselhos do partido.

Um excelente processo de fermentação se observa nesse momento nos sindicatos franceses. Os operários se recuperam enfim da crise do movimento operário e aprendem hoje a condenar a traição dos socialistas e dos sindicalistas reformistas.

Os sindicalistas revolucionários estão ainda imbuídos, em certa medida, de preconceitos contra a ação política e contra a idéia do partido político proletário. Eles professam a neutralidade política tal como ela foi expressa em 1906 na "Carta de Amiens". A posição confusa e falsa desses elementos sindicalistas-revolucionários implica maior perigo para o movimento. Se conquistar a maioria, esta tendência não saberá o que fazer, e ficará impotente diante dos agentes do capital, dos Jouhaux e dos Dumoulin.

Os sindicalistas-revolucionários franceses não terão linha de conduta firme enquanto o Partido Comunista não a tiver. O Partido Comunista Francês deve se aplicar em estabelecer uma colaboração amigável com os melhores elementos do sindicalismo-revolucionário. Ele deve contar em primeiro lugar com seus próprios militantes, deve formar núcleos em todos os lugares onde haja três comunistas. O partido deve empreender uma campanha contra a neutralidade. Da maneira mais amigável, mas também mais resoluta, o partido deve sublinhar os defeitos da atitude do sindicalismo-revolucionário. Apenas dessa maneira pode-se revolucionar o movimento sindical na França e estabelecer sua colaboração estreita com o partido.

Na Itália temos uma situação semelhante: a massa dos operários sindicalizados está animada de um espírito revolucionário, mas a direção da Confederação do Trabalho está nas mãos de reformistas e centristas declarados, que estão alinhados com Amsterdã. A primeira tarefa dos comunistas italianos é organizar uma ação cotidiana animada e perseverante no seio dos sindicatos e se aplicar sistemática e pacientemente a desvelar o caráter equivocado e vacilante dos dirigentes, a fim de tirar-lhes os sindicatos.

As tarefas que cabem aos comunistas italianos com relação aos elementos revolucionários sindicalistas da Itália são, em geral, as mesmas dos comunistas franceses.

Na Espanha, temos um movimento sindical poderoso, revolucionário e também consciente de seus objetivos e temos um Partido Comunista ainda jovem e relativamente frágil. Dada esta situação, o partido deve tentar se fortalecer nos sindicatos, o partido deve ajudá-los com seus conselhos e sua ação, deve esclarecer o movimento sindical e ligar-se a ele através de laços amigáveis, tendo em vista a organização comum de todos os combates.

Acontecimentos da maior importância se desenvolvem no movimento sindical inglês que se revolucionariza muito rapidamente. O movimento de massas se desenvolve. Os antigos chefes dos sindicatos perdem rapidamente suas posições. O partido deve fazer os maiores esforços para se afirmar nos grandes sindicatos, como a Federação dos Mineiros etc. Todo membro do partido deve militar em algum sindicato e deve, através de um trabalho orgânico, perseverante e ativo, orientá-lo em direção ao comunismo. Nada deve ser negligenciado para estabelecer a ligação mais estreita com as massas.

Na América, observamos o mesmo desenvolvimento, mas um pouco mais lento. Em nenhum caso os comunistas devem se limitar a deixar a Federação do Trabalho, organismo reacionário: eles devem, ao contrário, colocar mãos à obra para penetrar nos antigos sindicatos e revolucioná-los. É importante colaborar com os melhores elementos dos IWW, mas esta colaboração não exclui a luta contra seus preconceitos.

Um poderoso movimento sindical se desenvolve espontaneamente no Japão, mas ele se ressentia da falta de uma direção clara. A tarefa principal dos elementos comunistas do Japão é sustentar esse movimento e exercer sobre ele uma influência marxista.

Na Tchecoslováquia, nosso partido tem a maioria da classe operária, enquanto o movimento sindical permanece ainda, em grande parte, nas mãos dos social-patriotas e dos centristas e, de outra parte, está cindido por nacionalidades. Esse é o resultado da falta de organização e de clareza por parte dos sindicalizados, ainda que animados do espírito revolucionário. O partido deve fazer tudo para pôr um fim a essa situação e conquistar o movimento sindical para o comunismo. Para atingir esse objetivo, é absolutamente indispensável criar

núcleos comunistas, assim como um órgão sindical comunista central para todos os países. É necessário, para isso, trabalhar energeticamente e fundir num todo único as diferentes uniões cindidas pelas nações.

Na Áustria e na Bélgica, os social-patriotas souberam tomar com habilidade e firmeza a direção do movimento sindical, que é o principal ponto de combate. É nessa direção que os comunistas devem colocar sua atenção.

Na Noruega, o partido, que tem a maioria dos operários, deve tomar seguramente nas mãos o movimento sindical e descartar os elementos centristas das direções.

Na Suécia o partido tem que combater resolutamente não apenas o reformismo, mas também a corrente pequeno-burguesa que existe no socialismo e deve aplicar nessa ação toda a sua energia.

Na Alemanha, o partido tem grandes condições para conquistar gradualmente os sindicatos. Nenhuma concessão deve ser feita àqueles que preconizam a saída dos sindicatos. Isso é fazer o jogo dos social-patriotas. Às tentativas de excluir os comunistas importa opor uma resistência vigorosa e obstinada; os maiores esforços devem ser feitos para conquistar a maioria nos sindicatos.

Todas essas considerações determinam as relações que devem existir entre a Internacional Comunista e a Internacional Sindical Vermelha.

A Internacional Comunista não deve apenas dirigir a luta política do proletariado no sentido estrito do termo, mas, também, toda sua campanha de libertação, seja qual for a forma que ela assuma. A Internacional Comunista não pode ser apenas a soma aritmética dos Comitês Centrais dos Partidos Comunistas dos diferentes países. A Internacional Comunista deve inspirar e coordenar a ação e os combates de todas as organizações proletárias, profissionais, cooperativas, soviéticas, educativas etc., além das estritamente políticas.

A Internacional Sindical Vermelha, diferente da Internacional Amarela de Amsterdã, não pode, em caso algum, aceitar o ponto de vista da neutralidade. Uma organização que desejar ser neutra, diante das Internacionais dois, dois e meio e três, será inevitavelmente um joguete nas mãos da burguesia. O programa de ação da Internacional Sindical Vermelha, que está exposto abaixo e que o Terceiro Congresso Universal da Internacional Comunista submete à atenção do Primeiro Congresso Universal dos Sindicatos Vermelhos, será defendido na realidade unicamente pelos Partidos Comunistas, unicamente pela Internacional Comunista. Por esta única razão, para insuflar o espírito revolucionário no movimento profissional de cada país, para executar lealmente sua nova tarefa revolucionária, os sindicatos vermelhos de cada país serão obrigados a trabalhar de mãos dadas, em contato estreito, com o Partido Comunista desse mesmo país, e a Internacional Sindical Vermelha deverá coordenar em cada país sua ação com aquela da Internacional Comunista.

Os preconceitos de neutralidade, independência, apoliticismo, de indiferença pelos partidos, que são o pecado dos sindicalistas revolucionários legais da França, Espanha, Itália e alguns outros países, não são objetivamente outra coisa que um tributo pago aos ideais burgueses. Os sindicatos vermelhos não podem triunfar sobre Amsterdã, não podem conseqüentemente, triunfar sobre o capitalismo, sem romper de uma vez por todas com esta idéia burguesa de independência e de neutralidade.

Do ponto de vista da economia das forças e da concentração mais perfeita dos golpes, a situação ideal será a constituição de uma Internacional proletária única, agrupando os partidos políticos e todas as outras formas de organização operária. Não há dúvida de que o futuro pertence a esse tipo de organização. Mas, no momento atual, de transição, com a variedade e a diversidade dos sindicatos, é preciso nos diferentes países, constituir uma união autônoma dos sindicatos vermelhos, aceitando o conjunto do programa da Internacional Comunista, mas de uma forma mais livre que os partidos políticos pertencentes a esta Internacional.

A Internacional Sindical Vermelha que será organizada sobre essas bases, terá direito ao apoio integral do 3.º Congresso Universal da Internacional Comunista. Para estabelecer uma ligação mais estreita entre a Internacional Comunista e a Internacional Vermelha dos Sindicatos, o Terceiro Congresso Universal da Internacional Comunista propõe uma representação mútua permanente de três membros da Internacional Comunista no Comitê Executivo da Internacional Sindical Vermelha e vice-versa.

O programa de ação dos Sindicatos Vermelhos, segundo a opinião da Internacional Comunista, é aproximadamente o seguinte:

Programa de Ação

1. A crise aguda na economia mundial, o aumento catastrófico dos preços dos principais produtos, a super produção que coincide com a escassez das mercadorias na vida da população, a política agressiva da burguesia em relação à classe operária, uma tendência obstinada em rebaixar os salários e conduzir a classe operária a várias dezenas de anos atrás, a irritação das massas que se desenvolve sobre esse terreno, de uma parte, e a impotência dos velhos sindicatos operários e seus métodos, de outra parte - todos esses fatos impõem aos sindicatos revolucionários de todos os países tarefas novas. São necessários novos métodos de luta econômica

nesse período de desagregação capitalista: é preciso que os sindicatos operários adotem uma política econômica agressiva, para repelir a ofensiva do capital, fortificar as antigas posições e passar à ofensiva.

2. A ação direta das massas revolucionárias e suas organizações contra o capital constitui a base da tática sindical. Todas as conquistas dos operários estão em relação direta com a ação direta e a pressão revolucionária das massas. Pela expressão "ação direta" é preciso entender toda sorte de pressões diretas exercidas pelos operários sobre os patrões e o Estado, a saber: boicote, greves, ações de rua, demonstrações, ocupação de usinas, oposição violenta à saída de produtos das empresas, levante armado e outras ações revolucionárias próprias para unir a classe operária na luta pelo socialismo. A tarefa dos sindicatos revolucionários consiste, portanto, em fazer da ação direta um meio de educar e preparar as massas operárias para a luta pela revolução social e pela ditadura do proletariado.

3. Esses últimos anos de luta mostraram com uma particular evidência toda a fraqueza das uniões estritamente profissionais. A adesão simultânea dos operários de uma empresa a vários sindicatos enfraquece-os durante a luta. É preciso passar, e esse deve ser o ponto inicial de uma luta incessante - da organização puramente profissional à organização por indústrias: "Uma empresa - um sindicato", tal é a palavra de ordem no domínio da estrutura sindical. É preciso tender à fusão dos sindicatos similares pela via revolucionária, colocando a questão diretamente para os sindicalizados das fábricas e empresas, levando mais tarde o debate até as conferências locais e regionais e aos congressos nacionais.

* O ponto acima mostra toda a evolução de nossos Sindicatos (acompanharam a evolução dos meios de produção e o desenvolvimento do capitalismo). Como vimos à orientação do terceiro Congresso da 3.ª Internacional era de formação de Sindicatos por fábricas em contraposição aos sindicatos por ramos ou profissão. Hoje com o avanço dos meios de produção e o agravamento da crise capitalista se coloca uma tarefa primordial aos Sindicatos. Exatamente, o de unificar os oprimidos em geral. O papel das centrais sindical assumiu maior importância, tendo em vista o desemprego, o trabalho informal etc. etc. Hoje os dirigentes Sindicais devem conceber-los como verdadeiros SOVIETES (organizações amplas de todos os oprimidos). Só assim poderá se tornar em alternativa de luta contra a burguesia. Já em 1905 na Rússia se constata o aparecimento deste tipo de organização. Uma Organização que extrapola os limites estreitos dos marcos corporativos dos Sindicatos (a legislação, os impostos sindicais, os privilégios dos dirigentes).

Os Sovites (Conselhos) são Organizações livres agrupando os oprimidos em geral. Não se limitam a esta ou aquela categoria. Hoje mais do nunca é a única forma conseqüente de canalizar a luta de classe contra classe. A união dos empregados, desempregados, subempregados, autônomos, funcionalismo público, pequena burguesia oprimida, sob a direção do movimento operário, com os Sindicatos dirigidos pelos revolucionários libertando-os e os transformando em ferramenta de união e luta de todos os oprimidos.

A teoria deve guiar a prática e a prática deve ser instrumento de aperfeiçoamento da teoria. Os Soviets apareceram nos momentos de grande convulsão social e é condição dos dirigentes sindicais revolucionários trabalharem sem cessar para o nascimento destas organizações superiores que em nossa época se tornaram fundamentais e indispensáveis.

As correntes e agrupamentos políticos que hoje no Brasil e no mundo defendem devido a burocratização dos sindicatos, o abandono dos mesmos, e da simples forma mágica de construção de organismos autônomos etc. acabam por negar o essencial da luta de classe que é expressada dentro das fábricas e nos sindicatos operários, de que os patrões querem cada vez mais aumentar seus lucros e para isto rebaixar os salários e diminuir o número empregados aumentando a jornada e a produção. Já os operários desejam o contrário, aumento de salário e diminuição da jornada.

Na verdade estas organizações acabam por revisar o Marxismo embalados pelo eco da burguesia mundial (imperialismo) de que após o fim da União Soviética, derrubada do muro de Berlim o Marxismo foi enterrado e assim estes sabichões em nome de um ultra "revolucionarismo" batem palmas as idéias da burguesia no seio do movimento socialista.

4. Cada fábrica, cada usina deve se transformar num bastão, numa fortaleza da revolução. A antiga forma de ligação entre os sindicalizados e seu sindicato (delegados sindicais que recebiam as cotizações, representantes, pessoal de confiança etc.) deve ser substituída pela criação de comitês de fábrica e usinas.

Esses devem ser eleitos por todos os operários da empresa, seja qual for o seu sindicato e suas convicções políticas. A tarefa dos partidários da Internacional Sindical Vermelha é levar os operários da empresa a participarem da eleição de seu órgão representativo. As tentativas para eleger os comitês de fábrica e de usinas apenas pelos comunistas têm como resultado o afastamento das massas "sem partido"; eis porque essas tentativas devem ser categoricamente condenadas. Isso seria um núcleo e não um comitê de fábrica. A parcela revolucionária deve reagir e influir, por intermédio dos núcleos, comitês de ação e simples membros, sobre a assembléia geral e sobre o comitê de fábrica eleito.

Este ponto coloca uma poderosa arma contra a burocratização quando substitui o trabalho sindical remunerado para este fim pelas organizações de base como suprema instancias, os comitês de fabricas, comissões, conselhos de representantes de setores etc.. Não como funcionários do Sindicato ou às vezes recebendo dos patrões e do Sindicato, más como militantes entre os trabalhadores, recebendo salários iguais aos seus companheiros, guiados pelas reuniões e Assembléias, mesmo que clandestinas.

5. A primeira tarefa que é preciso propor aos operários e comitês de fábricas e usinas é exigir a manutenção, às expensas da empresa, dos empregados dispensados do trabalho. Não se deve tolerar que os operários sejam postos na rua sem que o estabelecimento se ocupe deles. O patrão deve pagar a seus desempregados seu salário completo: eis a exigência em torno da qual é preciso organizar não apenas os desempregados, mas, sobretudo os empregados que continuam trabalhando na empresa, explicando-lhes, ao mesmo tempo, que a questão do desemprego não pode ser resolvida nos limites do capitalismo e que o melhor remédio contra o desemprego é a revolução social e a ditadura do proletariado.

O destaque na luta contra o desemprego. No Movimento contra o desemprego 2001 colocamos o salário desemprego pago pelo governo até o SINE arrumar outro emprego registrado.

6. O fechamento das empresas é atualmente, na maior parte dos casos, um meio de depurá-las dos elementos suspeitos - a luta deve então se fazer contra o fechamento das empresas devendo os empregados verificar as causas do fechamento. É preciso criar Comissões especiais de controle sobre as matérias-primas, sobre os materiais necessários à produção e os recursos financeiros disponíveis nos bancos. As Comissões de controle especialmente eleitas devem estudar da maneira mais atenta as relações financeiras entre a empresa em questão e as outras empresas, e a supressão do segredo comercial deve ser proposta aos operários como uma tarefa prática.

7. Um dos meios de impedir o fechamento em massa das empresas, com o fim de rebaixar os salários e agravar as condições de trabalho, pode ser a ocupação da fábrica ou da usina e a continuação de sua produção a despeito do patrão.

Diante da atual escassez de mercadorias, é particularmente importante impedir toda parada na produção, também os operários não devem tolerar um fechamento premeditado das fábricas e usinas. Segundo as condições locais, as condições da produção, a situação política e a intensidade da luta social, a tomada das empresas pode e deve ser acompanhada de outros métodos de ação sobre o capital. A gestão da empresa tomada deve ser colocada nas mãos do comitê de fábrica ou de usina e do representante especialmente designado pelo sindicato.

Hoje é comum para a burocracia sindical diante de uma falência, concordata ou maracutaia patronal, a transformação da fabrica em Cooperativa. Desta forma os dirigentes sindicais dão uma mãozinha aos patrões e governo. Com a transformação da fabrica em Cooperativa os operários abrem mão dos direitos trabalhistas para em seguida a "justiça" leiloar todos os bens da empresa (máfia das massas falidas).

8. A luta econômica deve ser levada sob a palavra de ordem de aumento dos salários e melhoria das condições de trabalho, que devem ser levadas a um nível sensivelmente superior àquele de antes da guerra. As tentativas para reconduzir os operários as condições de trabalho anteriores às da guerra devem ser rebatidas da forma mais decidida e mais revolucionária. A guerra teve como resultado o esgotamento da classe operária: a melhoria das condições de trabalho é uma condição indispensável para reparar essa perda de forças. As

alegações dos capitalistas que colocam como causa a concorrência estrangeira não devem ser levadas em consideração: os sindicatos revolucionários não devem abordar a questão dos salários e das condições do ponto de vista da concorrência entre os aproveitadores das diferentes nações, eles devem se colocar no ponto de vista da conservação e proteção da força de trabalho.

9. Se a tática redutora dos capitalistas coincide com uma crise econômica no país, o dever dos sindicatos é não se deixar abater por questões separadas. A princípio, é preciso ensaiar na luta os operários dos estabelecimentos de utilidade pública (mineiros, ferroviários, operários do gás, eletricitários etc.) para que a luta contra a ofensiva do capital toque, desde o início, os pontos nevrálgicos do organismo econômico. Aqui, todas as formas de resistência são necessárias e, conforme o objetivo, desde a greve parcial intermitente, até a greve geral, se estendendo à grande indústria sobre um plano nacional.

10. Os sindicatos devem se propor como uma tarefa prática à preparação e a organização de ações nacionais por indústrias. A parada dos transportes ou da extração da hulha, realizada segundo um plano internacional, é um poderoso meio de luta contra as tentativas reacionárias da burguesia de todos os países.

Os sindicatos devem observar atentamente a conjuntura mundial para escolher o momento mais propício para sua ofensiva econômica; eles não devem esquecer um só instante o fato de que uma ação internacional só será possível com a criação de sindicatos revolucionários, sindicatos que não tenham nada em comum com a Internacional Amarela de Amsterdã.

11. A crença no valor absoluto dos contratos coletivos, propagada pelos oportunistas de todos os países, deve encontrar a resistência áspera e decidida do movimento sindical revolucionário. Os patrões violam os contratos coletivos sempre que podem. Um respeito religioso pelos contratos coletivo testemunha a profunda penetração da ideologia burguesa entre os líderes da classe operária. Os sindicatos revolucionários não devem renunciar aos contratos coletivos, mas devem perceber seu valor relativo, devem sempre considerar o método a adotar para romper esses contratos sempre que isso for vantajoso para a classe operária.

12. A luta das organizações operárias contra o padrão individual e coletivo deve se adaptar às condições nacionais e locais, deve utilizar toda a experiência da luta de libertação da classe operária. Toda greve importante não deve ser somente bem organizada, os operários devem, desde o primeiro momento, criar quadros especiais para combater os fura-greves e fazer oposição à ofensiva provocadora das organizações brancas de todas as nuances, apoiadas pelos Estados burgueses. Os fascistas na Itália, a ajuda técnica na Alemanha, as guardas cívicas formadas por antigos oficiais e suboficiais na França e Inglaterra - todas essas organizações têm por objetivo a desmoralização, a derrota das ações da classe operária, uma derrota que não se limitará a uma simples substituição dos grevistas, mas buscará a derrocada material de sua organização e o massacre dos líderes do movimento. Nessas condições, a organização de batalhões de greve especiais, de destacamentos especiais de defesa operária, é uma questão de vida ou morte para a classe operária.

13. As organizações de combate assim criadas não devem se limitar a combater as organizações dos patrões e fura-greves, elas devem se encarregar de deter todas as encomendas e mercadorias expedidas com destino à usina em greve por outras empresas e se opor à transferência de comando a outras usinas e empresas. Os sindicatos dos operários dos transportes são chamados a desempenhar seu papel particularmente importante: cabe a eles a tarefa de entravar o transporte das mercadorias, o que não será possível sem a ajuda unânime de todos os operários da região.

14. Toda luta econômica da classe operária no próximo período deve se concentrar na palavra de ordem do controle operário sobre a produção, que se deve realizar antes que o governo ou as classes dominantes invente algum sucedâneo de controle. É preciso combater violentamente todas as tentativas das classes dominantes e dos reformistas para criar associações paritárias, comissões paritárias e um estrito controle sobre a produção deve ser feito: somente ele dará os resultados determinados. Os sindicatos revolucionários devem combater resolutamente a chantagem e a extorsão exercidas em nome da socialização pelos chefes dos velhos sindicatos com a ajuda das classes dominantes. Toda a verborrêia desses senhores sobre a socialização pacífica tem a finalidade única de desviar os operários dos atos revolucionários e da revolução social.

15. Para distrair a atenção dos operários de suas tarefas imediatas e despertar neles veleidades pequeno-burguesas, colocam-nos diante da idéia de participação nos lucros, isto é, da restituição aos operários de uma pequena parte da mais-valia criada por eles; essa palavra de ordem de perversão operária deve receber sua crítica severa e implacável. ("Não à participação nos lucros, destruição do lucro capitalista", tal é a palavra de ordem dos sindicatos revolucionários.).

16. Para entravar ou quebrar a força combativa da classe operária, os Estados burgueses aproveitaram a possibilidade de militarizar provisoriamente algumas usinas ou setores inteiros da indústria sob o pretexto de

protegê-las por sua importância vital. Alegando a necessidade de se preservar tanto quanto possível contra as perturbações econômicas, os Estados burgueses introduziram, para proteger o Capital, cortes de arbitragem e comissões de conciliação obrigatórias. Também no interesse do Capital, e para fazer recair inteiramente sobre os operários o peso dos custos da guerra, eles introduziram um novo sistema de percepção de impostos; eles são retidos sobre o salário do operário pelo patrão, que desempenha assim o papel de preceptor. Os sindicatos devem levar uma luta das mais obstinadas contra essas medidas governamentais que só servem aos interesses da classe capitalista.

17. Os sindicatos revolucionários que lutam para melhorar as condições de trabalho, elevar o nível de vida das massas e estabelecer o controle operário devem constantemente perceber que, no quadro do capitalismo, esses problemas permanecerão sem solução; eles também devem, arrancando passo a passo concessões das classes dominantes, obrigá-las a aplicar a legislação social, colocar claramente as massas operárias diante do fato de que só a derrota do capitalismo e a instauração da ditadura do proletariado são capazes de resolver a questão social. Assim, nem uma ação parcial, nem uma greve parcial nem o menor conflito devem passar sem deixar traços em relação a isso. Os sindicatos revolucionários devem generalizar esses conflitos, elevando constantemente a consciência das massas até a necessidade e a inevitabilidade da revolução social e da ditadura do proletariado.

18. Toda luta econômica é uma luta política, isto é, uma luta levada por toda uma classe. Nessas condições, por mais consideráveis que sejam as camadas operárias envolvidas na luta, esta não poderá ser realmente revolucionária, não poderá ser realizada com o máximo de utilidade para a classe operária em seu conjunto, se os sindicatos não estiverem de mãos dadas, unidos e em colaboração estreita com o Partido Comunista do país. A teoria e a prática da divisão da ação da classe operária em duas metades autônomas é muito pernicioso, sobretudo no momento revolucionário atual. Cada ação exige o máximo de concentração de forças, que só é possível com a condição da mais alta tensão de toda energia revolucionária da classe operária, isto é, de todos os seus elementos comunistas e revolucionários. As ações isoladas do Partido Comunista e dos sindicatos revolucionários estão de antemão destinadas ao fracasso e a derrota. Por isso, a unidade de ação, a ligação orgânica entre os Partidos Comunistas e os sindicatos operários constituem a condição preliminar do sucesso da luta contra o capitalismo.

TESES SOBRE A AÇÃO DOS COMUNISTAS NAS COOPERATIVAS

1) À época da revolução proletária, as cooperativas revolucionárias devem ter dois objetivos: a) ajudar os trabalhadores em sua luta para a conquista do poder político; b) onde esse poder já estiver conquistado, ajudar os trabalhadores a organizar a sociedade socialista.

2) As antigas cooperativas trilhavam a via do reformismo e evitavam por todos os meios a luta revolucionária sob todas as suas formas. Elas pregavam a idéia de uma entrada gradual no "socialismo", sem passar pela ditadura do proletariado.

As antigas cooperativas pregam a neutralidade política, ainda que, na realidade, escondam sob esta insígnia sua subordinação à política da burguesia imperialista.

Seu internacionalismo existe apenas nas palavras. Na verdade, elas substituem a solidariedade internacional dos trabalhadores pela colaboração da classe operária com a burguesia de cada país.

Por toda essa política, as antigas cooperativas, longe de concorrer para o desenvolvimento da revolução, entravam-na e, longe de ajudar o proletariado em sua luta, atrapalham-no.

3) As diversas formas de cooperativas não podem, em nenhum nível, servir aos objetivos revolucionários do proletariado. As mais convenientes para isso são as cooperativas de consumo. Mas, mesmo entre essas últimas, são muitas as que agrupam elementos burgueses. Essas cooperativas não estarão nunca ao lado dos operários em sua luta revolucionária. Só a cooperação operária nas cidades e no campo pode ter esse caráter.

4) A tarefa dos comunistas no movimento cooperativo consiste no que segue: 1) propagar as idéias comunistas; 2) fazer da cooperação um instrumento de luta da classe pela revolução, sem destacar as diversas cooperativas de seu agrupamento central.

Em todas as cooperativas, os comunistas devem estar organizados em frações, propondo-se a formar em cada país um centro da cooperação comunista.

Esses agrupamentos e seu centro devem ter uma ligação estreita com o Partido Comunista e seus representantes na cooperativa. O centro deve, igualmente, elaborar os princípios da tática comunista no movimento cooperativo nacional, dirigir e organizar esse movimento.

5) Os objetivos práticos que atualmente deve se propor à cooperação revolucionária do Ocidente surgirão ao longo do trabalho. Mas, desde agora, pode-se indicar, entre eles:

- a) propagar, por documentos e discursos, as idéias comunistas, levar uma campanha para livrar as cooperativas da direção e da influência da burguesia e dos oportunistas;
 - b) aproximar as cooperativas do Partidos Comunistas, dos sindicatos revolucionários. Fazer as cooperativas participarem da luta política, direta e indiretamente, tomando parte nas demonstrações e campanhas políticas do proletariado. Sustentar materialmente os Partidos Comunistas e sua imprensa. Sustentar materialmente os operários em greve ou vítimas de locaute;
 - e) combater a política imperialista da burguesia, em particular a intervenção dos negócios da Rússia Soviética e outros países;
 - d) criar relações não somente de pensamento, de organização, mas também de negócios, entre as cooperativas operárias dos diferentes países;
 - e) exigir a conclusão imediata dos tratados de comércio e reatamento de relações comerciais com a Rússia e as outras Repúblicas Soviéticas;
 - f) participar o mais amplamente possível nas trocas comerciais com essas Repúblicas;
 - g) participar da exploração das riquezas naturais das Repúblicas Soviéticas, encarregando-se de concessões sobre seu território.
- 6) Após o triunfo da revolução proletária, as cooperativas devem se desenvolver plenamente.

Desde já o exemplo da Rússia Soviética permite esboçar alguns traços característicos:

- a) as cooperativas de consumo deverão se encarregar da distribuição dos produtos, segundo os planos do governo proletário. Essa função dará às cooperativas um impulso inusitado até então;
- b) as cooperativas devem servir de laço orgânico entre as explorações isoladas dos pequenos produtores (camponeses e artesãos) e os serviços econômicos do Estado proletário. Esses últimos, por intermédio das cooperativas, dirigirão o trabalho de suas pequenas explorações de acordo com um plano conjunto. Em particular as cooperativas de consumo recolherão os gêneros alimentícios e as matérias-primas dos pequenos produtores para repassá-los aos consumidores e ao Estado;
- c) as cooperativas de produção podem agrupar pequenos produtores nas fábricas ou grande explorações comuns permitindo o uso de máquinas e procedimentos técnicos aperfeiçoados. Elas darão à pequena produção a base técnica que permitirá edificar sob esse fundamento a produção socialista, o que permitirá aos pequenos produtores se desembaraçarem de sua mentalidade individualista para desenvolver neles o espírito coletivista.

7) Levando em conta o papel imenso que as cooperativas devem desempenhar durante a revolução proletária, o Terceiro Congresso da Internacional Comunista lembra aos partidos, grupos e organizações comunistas, que eles devem continuar a trabalhar energicamente para propagar o ideal da cooperação, dos grupamentos de cooperativas em um instrumento da luta de classes, e formar um front único das cooperativas com os sindicatos revolucionários.

O Congresso encarrega o Comitê Executivo da Internacional de formar uma seção cooperativa encarregada de colocar em prática o programa acima indicado. Na medida das necessidades, essa seção deverá convocar conferências e congressos para realizar a missão revolucionária das cooperativas.

Resolução do III Congresso da Internacional Comunista sobre a Ação das Cooperativas

O III Congresso da Internacional encarrega o Comitê Executivo de criar uma seção cooperativa que deverá preparar, segundo as necessidades, a convocação de consultas, conferências e congressos cooperativos internacionais, para realizar na Internacional os objetivos determinados nas teses.

A seção deverá, por outro lado, seguir os seguintes objetivos práticos:

- a) Reforçar atividade cooperativa dos trabalhadores do campo e da indústria, constituindo cooperativas de artesãos semiproletários, levando os trabalhadores a procurarem a direção e a melhoria em comum de sua exploração;
- b) Levar a luta pela remessa às cooperativas da repartição de víveres e objetos de consumo em todo o país;
- c) Levar a propaganda dos princípios e dos métodos da cooperação revolucionária e dirigir a atividade da cooperação proletária para o apoio material da classe operária combatente;
- d) Favorecer o estabelecimento de relações comerciais e financeiras internacionais entre cooperativas operárias e organizar sua produção comum.

RESOLUÇÃO SOBRE A INTERNACIONAL COMUNISTA E O MOVIMENTO DA JUVENTUDE COMUNISTA

1. O movimento da juventude socialista nasceu sob a pressão da exploração capitalista da juventude trabalhadora e do sistema ilimitado do militarismo burguês. Ele nasceu como reação às tentativas de envenenamento da juventude trabalhadora pelas idéias burguesas nacionalistas e contra a negligência e o esquecimento pelo qual se tornaram culpados o partido social-democrata e os sindicatos na maioria dos países diante das exigências econômicas, políticas e espirituais da juventude.

Em quase todos os países, as organizações da juventude socialista foram criadas sem a participação dos partidos social-democratas e dos sindicatos, que se tornaram cada vez mais oportunistas e reformistas, e em alguns países essas organizações se formaram mesmo contra a vontade desses partidos e sindicatos. Esses viram como um grande perigo o aparecimento das juventudes socialistas revolucionárias independentes e tentaram reprimir esse movimento mudando-lhe o caráter e impondo-lhe sua política, exercendo sobre ele uma tutela burocrática e tentando privá-lo de sua independência.

2. De outro lado, a guerra imperialista e a atitude tomada na maior parte dos países pelos partidos social-democratas veio a aumentar o abismo entre os partidos social-democratas e as juventudes internacionais e revolucionárias e acelerar o conflito. A situação da juventude trabalhadora piorou durante a guerra por causa da mobilização, da exploração reforçada nas indústrias militares e por causa da militarização no front. A melhor parte da juventude socialista tomou posição resoluta contra a guerra e o nacionalismo, se separou do partidos social-democratas e começou uma ação política própria (Conferências Internacionais da Juventude em Berna, em 1915, em Iéna em 1916).

Em seu combate contra a guerra, os melhores grupos revolucionários dos operários adultos sustentaram as juventudes socialistas que se tornaram um ponto de concentração das forças revolucionárias. Elas assumiram assim as funções dos partidos revolucionários que faltavam. Elas se tornaram a vanguarda no combate revolucionário e tomaram a forma de organizações políticas independentes.

3. Com o aparecimento da Internacional Comunista e de Partidos Comunistas nos diferentes países, o papel das juventudes revolucionárias em todo o movimento do proletariado se modificou. Por sua situação econômica, e graças a traços psicológicos particulares, a juventude operária é mais acessível aos ideais comunistas e apresenta um entusiasmo revolucionário maior que seus irmãos mais velhos, os operários. Todavia, são os Partidos Comunistas que assumem o papel de vanguarda que era desempenhado pelos jovens no que se refere à ação política independente e à direção política. Se a organização das juventudes comunista continuassem a existir como organizações independentes do ponto de vista político e desempenhando um papel dirigente, teríamos dois partidos comunistas concorrentes que se distinguiriam entre si apenas pela idade de seus membros.

4. O papel atual da juventude consiste em que ela deve reunir os jovens operários, educá-los no espírito comunista para as primeiras filas da batalha comunista. Passou o tempo em que a juventude poderia se limitar a um bom trabalho de pequenos grupos de propaganda, compostos de poucos membros. Existe hoje, além da agitação e da propaganda, levadas com perseverança e com novos métodos, um meio de conquistar as amplas massas de jovens operários; trata-se de provocar e dirigir os combates econômicos.

As organizações da juventude devem alargar e reforçar o trabalho de educação não se conformando com sua nova missão. O princípio fundamental da educação comunista no movimento da juventude consiste na participação ativa em todas as lutas revolucionárias, participação que deve estar estreitamente ligada à escola marxista.

Um outro dever importante das juventudes à época atual é destruir a ideologia centrista e social-patriota entre a juventude operária e desembaraçá-la dos tutores e chefes social-democratas. Ao mesmo tempo, elas devem fazer tudo para ativar o processo de rejuvenescimento resultante do movimento de massas, delegando-o rapidamente, nos Partidos Comunistas, aos seus membros mais velhos.

A grande diferença fundamental que existe entre as juventudes comunistas e as juventudes centristas e social-patriotas se torna aparente pela participação ativa em todos os problemas da vida política e nos combates e ações revolucionárias, e também pela colaboração na construção dos Partidos Comunistas.

5. As relações entre as juventudes e os Partidos Comunistas diferem radicalmente daquelas que existem entre as organizações da juventude revolucionária e os partidos social-democratas. A maior uniformidade e a centralização mais estrita são necessárias na luta comum pela realização rápida da revolução proletária. A direção política não pode pertencer senão à Internacional. É dever das organizações da juventude comunista se

subordinar a esta direção política, ao programa, à tática e às diretrizes e se incorporar ao front revolucionário comum. Dados os diferentes níveis de desenvolvimento revolucionário dos Partidos Comunistas, é necessário que em casos excepcionais a aplicação desse princípio esteja subordinada a uma decisão especial do Comitê Executivo da Internacional Comunista e da Internacional da Juventude, levando em conta as condições particulares. As juventudes comunistas, que começaram a organizar suas fileiras segundo as regras da centralização mais estrita, deverão se submeter à disciplina de ferro da Internacional Comunista. As juventudes devem se ocupar de todas as questões políticas e táticas nas organizações, tomando posição e no interior dos Partidos Comunistas de seu país, devem sempre agir, não contra esses partidos, mas no sentido das decisões tomadas por eles. Em caso de graves dissensões entre os Partidos Comunistas e as juventudes, elas devem fazer valer seu direito de apelação ao Comitê Executivo da Internacional Comunista. O abandono de sua independência política não significa a abnegação total de sua independência orgânica, que é preciso conservar por razões de educação.

Como para uma perfeita direção da luta revolucionária é necessário o máximo de centralização e unidade, nos países onde a evolução histórica colocou a juventude na dependência do partido, essas relações devem ser mantidas a título de regra; as divergências entre os dois órgãos são resolvidas pelo Comitê Executivo da Internacional Comunista da Juventude.

A questão Agrária

A estrutura agrária brasileira, atualmente reflete uma posição bastante clara: grande concentração da propriedade rural, ocupação de vastas glebas nas regiões menos habitadas por grupos de capital estrangeiros e difícil acesso a população trabalhadora rural as terras aproveitáveis (a área aproveitável total é de cerca de 371 milhões de hectares, sendo que destas 273 milhões estão nas mãos de latifundiários, sobrando 86 milhões inexplorados. Em decorrência disso, temos ociosidade de terra agricultáveis (na maioria das vezes por motivos de especulação) conflitos de terras entre posseiros, grileiros, atingindo um grau de violência muito elevado: pobreza, miséria no meio rural e por fim, o êxodo rural e subemprego, deslocando o problema social daí decorrente para as cidades.

O Brasil assim como o desenvolvimento clássico do capitalismo se deu o fenômeno da contradição entre cidade e campo. Grandes somas de trabalhadores a partir da década de 60 se dirigiram em busca de melhores condições de vida nas grandes cidades. Um deslocamento desigual porem combinado com as necessidades de mão de obra barata para as multinacionais.

Área 8.547.403,5 KM2 destes 5.511 KM2 é de floresta

População 166,1 milhões (estimativa 2000)

População urbana 78%

Expectativa de vida 64,3 anos

PARTIDO OPERÁRIO

O surpreendente é a existência de numerosos partidos que se reivindicam da classe operária e até da revolução a ponto de tornar impossível, para muitos, reconhecer qual deles afinal é o verdadeiramente revolucionário.

Os partidos expressam seus objetivos no seu programa, que é o documento fundamental, que condiciona sua conduta diária e sua forma organizativa. Não é raro chocar-se com grupos que se auto-intitulam partidos e que, no entanto, não têm programa, limitam-se a fazer declarações vagas. Estes grupos acabam, geralmente, na aventura. O partido revolucionário é aquele que em seu programa expressa os objetivos históricos do proletariado (destruição do capitalismo, da propriedade burguesa privada e estruturação da ditadura do proletariado) e não unicamente os imediatos (melhores condições de vida e de trabalho), coisa que inclusive os partidos burgueses podem fazer. Pode haver muitos outros partidos formados nos meios

operários, mas que não são revolucionários, que se apóiam nos setores atrasados das massas, que expressam interesses puramente econômicos (coisa que os partidos burgueses também podem fazer) que transmitem a ideologia de outras classes sociais.

O partido operário é a vanguarda revolucionária da classe e agrupa os elementos mais avançados, mais valentes, mais sacrificados, mais inteligentes. Atua como Estado Maior dos explorados.

A Construção do Partido é a construção do Programa e a construção do partido e do programa é a construção dialética do militante (quadro). Na fusão da teoria e da prática. Este ponto da transformação do militante inicial em um revolucionário, forjado na teoria e na prática entre as massas é exatamente o empecilho que tem travancado a construção dos Partidos Revolucionários no mundo inteiro. Geralmente os iniciantes desta construção vêm da pequena burguesia, estudantes, professores e intelectuais. Constituem agrupamentos chamados partidos operários ou revolucionários mas são incapazes de dialogar com o operariado. Não contam em suas fileiras com sequer um operário. Então a fusão da teoria e da prática não se completa, ao contrário se dá o seu inverso e a ausência da inter-relação com a classe instintivamente comunista (operariado moderno) faz com que os pontos principistas inicialmente defendidos sejam abandonados e a democracia formal então se encarrega de destruir toda conduta socialista.

Para ser militante do partido operário deve-se preencher três requisitos

A – conhecer e estar de acordo com seu programa;

B – pertencer a uma de suas células (só assim pode participar da atividade política interna e ser controlado e orientado pela organização);

C – Contribuir com o financiamento das atividades partidárias por meio do pagamento pontual das cotizações.

O partido operário, diferentemente do sindicato, agrupa unicamente a uma minoria dos proletários que estão de acordo com seus objetivos, não é à toa que é sua vanguarda. Estes elementos são selecionados pela compreensão do programa e pelas provas de fidelidade aos princípios e à organização partidária. No entanto, é de interesse do partido contar com um considerável número de militantes que permita penetrar nas massas.

O núcleo fundamental do partido é a célula por fábrica, que é formada por militantes de um determinado lugar de trabalho.

Junto a estas células se encontram as células de rua, de bairro, de colégios, etc.

A norma organizativa básica do partido operário é o centralismo democrático, que não tem aplicação no campo sindical. Deve observar-se a mais ampla democracia interna, o direito de discussão de todos os problemas e divergências com a direção, o que permite fixar a linha político-partidária, em última instância, pela militância de base, mas, o partido operário não é um clube de discussão e, sim, ao contrário, uma organização principalmente executiva. Está imposta, pois, a necessidade de que na atuação exterior se observe uma granítica unidade e se leve até as massas uma única linha política. A ampla democracia existe para tornar possível e eficaz a atuação unitária no exterior, nisto consiste o centralismo democrático. Tal norma organizativa seria inconcebível se não se conseguisse que os setores minoritários, divergentes com a direção, se submetessem às decisões da maioria. A discussão interna acaba com as reuniões nacionais em que os problemas em disputa são submetidos ao voto dos delegados das organizações de base.

O partido operário, diferentemente do sindicato, é uma organização ideologicamente homogênea, porque para ingressar nele é preciso estar de acordo com o seu programa, com seus estatutos e com as resoluções de seus congressos e reuniões nacionais.

O partido operário enquadra parte de suas atividades dentro das normas da clandestinidade, isto inclusive dentro do país mais democrático do mundo. Não se trata de jogar todos na clandestinidade, e sim de uma norma surgida da evidência de que o partido operário procura destruir o regime imperante. Certos aspectos da propaganda, das comunicações, devem desenvolver-se longe da observação dos organismos de repressão do Estado burguês. Em outros países, onde as manifestações do pensamento proletário são perseguidas, toda a atividade partidária é clandestina; entretanto, devem ser esgotados todos os recursos para aproveitar qualquer oportunidade de legalidade. Pode-se dizer que o partido operário combina as atividades legais e clandestinas.